

ÉRICA KRACHEFSKI NUNES

**UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVA DO LOCUTOR E DO
ALOCUTÁRIO NO DISCURSO**

Dissertação apresentada como
requisito para a obtenção do grau
de Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Letras
da Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul - PUCRS

Orientadora: Profa. Dra. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre

2011

ÉRICA KRACHEFSKI NUNES

**UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVA DO
LOCUTOR E DO ALOCUTÁRIO NO DISCURSO**

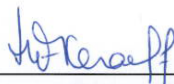
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 6 de janeiro de 2011

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dr. Leci Borges Barbisan - PUCRS



Profa. Dr. Telisa Furlanetto Graeff - UPF



Profa. Dr. Maria da Glória di Fanti- PUCRS

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida.

Aos meus pais, Dalila e José Altair, por terem desejado o meu nascimento, por terem me ensinado valores, e por terem me proporcionado o crescimento profissional.

Ao Roberto, meu amor, pelo companheirismo, pelo incentivo, e por acreditar em mim.

À professora Leci, pelo seu conhecimento, pela sua paciência, pela orientação, e principalmente, por sua contagiante paixão pela língua.

À coordenação, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pela atenção e dedicação.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos concedida, proporcionando minha dedicação integral aos estudos.

Aos colegas do Núcleo de Estudos do Discurso, pelo apoio e amizade. Dependendo da enunciação, cada colega pode ser representado por um aspecto do quadrado argumentativo (alguns preferem os normativos, outros, os transgressivos), que se relacionam recíprocamente, conversamente ou transpostamente. As noções de valor e relação são essenciais para a construção do bloco semântico *Orientandos de Leci*.

[...] a língua é, antes de mais nada, o lugar da intersubjetividade,
o lugar onde os indivíduos se confrontam,
o lugar onde encontro outrem. Ora, outrem, ou não é nada,
ou é este outro constitutivo de que fala Platão,
este outro que me constitui a mim mesmo,
porque é somente através dele que posso me ver
e é através do seu reconhecimento que posso me conhecer.
Pensar que sou este ou aquele é sempre imaginar alguém
que me vê como este ou como aquele,
e cujo olhar me constitui.

Oswald Ducrot

RESUMO

A proposta deste trabalho é estudar a imagem do alocutário construída lingüisticamente pelo locutor no discurso pela Teoria da Argumentação na Língua (ANL), desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores. Para a ANL, o sentido do enunciado, produzido por um locutor a um alocutário, é a representação da enunciação. Tendo esses conceitos enunciativos, foram estabelecidos os objetivos de (a) mostrar que é possível verificar a imagem que o locutor faz do alocutário no discurso, e (b) identificar diferentes maneiras de apresentação lingüística do alocutário. Para esta investigação, foram analisados quatro discursos pela perspectiva da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), atual fase da ANL, e da Teoria Polifônica à luz da TBS. Com as análises, foram encontrados quatro resultados distintos, mas todos construídos com base na noção de *relação*.

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua. Enunciação. Alocutário. Noção de relação.

ABSTRACT

The aim of this work is studying the alocutor's image linguistically built by the locator in the discourse based on the Theory of Argumentation within Language (AWL), developed by Oswald Ducrot and collaborators. For AWL, the meaning of the utterance, produced by a locutor to an alocutor, is the representation of the enunciation. Having these enunciative concepts, the aims established were (a) to show that it is possible to verify the image that the locutor has of the alocutor, and (b) to identify different ways of the alocutor's linguistic presentation. For this investigation, four discourses were analyzed in the perspective of the Semantic Blocks Theory (SBT), current phase of AWL, and the Polyphonic Theory based on SBT. With the analysis, four different results were found, but all of them were built based on the notion of *relation*.

Key-words: Theory of Argumentation within Language. Enunciation. Alocutor. Notion of relation.

LISTA DE ABREVIATURAS

A - Alocutário

AE – Argumentação externa

AEd - Argumentação externa à direita

AEe - Argumentação externa à esquerda

AI – Argumentação interna

ANL – Teoria da Argumentação na Língua

CLG – Curso de Lingüística Geral

CON - Conector

DC - Donc

E - Enunciador

L - Locutor

Neg – Negação

PA – Pero / aber

PT- Pourtant

SN – Sino / sondern

TBS – Teoria dos Blocos Semânticos

X – Segmento suporte do encadeamento

Y – Segmento aporte do encadeamento

λ – Sujeito empírico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 FUNDAMENTOS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	12
1.1.1 Base Saussuriana	12
1.1.2 Teoria Enunciativa de Benveniste	15
1.1.3 Articulação entre a Teoria Saussureana, a Teoria Enunciativa de Benveniste e a Teoria da Argumentação na Língua	19
1.2 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	22
1.2.1 Teoria da Argumentação na Língua: conceitos	22
1.2.2 Teoria dos Blocos Semânticos (TBS)	27
1.2.3 A Polifonia pela TBS	34
2 METODOLOGIA E ANÁLISE	41
2.1 METODOLOGIA	41
2.2 ANÁLISES DOS DISCURSOS	43
2.2.1 Análise 1: Menino Viking	43
2.2.2 Análise 2: Hagar e Helga	47
2.2.3 Análise 3 – Faz de conta que hoje é o Dia do Professor	51
2.2.4 Análise 4: A Aliança	60
2.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	69
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
ANEXO A – Menino Viking	84
ANEXO B – Hagar e Helga	85
ANEXO C – Faz de conta que hoje é o Dia do Professor	86
ANEXO D – A Aliança	87
CURRICULUM LATTES (Plataforma Lattes)	88

INTRODUÇÃO

Alguns alunos ingressam no Programa de Pós-Graduação com seu tema de dissertação definido, ou pelo menos, encaminhado; outros, não. No caso desta dissertação, o tema deveria ser escolhido e muitas foram as propostas, mas todas tinham algum problema. O caminho até o projeto final de dissertação começou a ser traçado após uma conversa sobre enunciação, especificamente sobre o pressuposto de que, ao colocar em funcionamento a língua, o locutor deixa marcas de sua subjetividade no enunciado produzido. Leituras a respeito da Teoria da Argumentação na Língua¹, principalmente sobre conceitos enunciativos da teoria, se intensificaram e duas delas chamaram atenção, a seção de apresentação da obra *Polifonía e Argumentación* (1990) e o prefácio do livro *O Intervalo Semântico* (2009). Essas leituras, além de estimular o início da pesquisa, também deram início ao nosso suporte teórico. Vimos que, em ambos textos, o alocutário, embora não tendo voz na enunciação no locutor, tem papel fundamental na enunciação.

Na seção de apresentação da obra *Polifonía y Argumentación* (1990, p.14), há o ponto de vista de Ducrot sobre o que é falar: *falar é construir e tratar de impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade.*² Vemos que, para Ducrot, o outro, o alocutário, é importante na enunciação. O lingüista francês, em outro momento, no prefácio do livro *O Intervalo Semântico*, de Carlos Vogt (2009, p.11), também trata do alocutário ao apresentar seu conceito de língua: “[...] a língua é, antes de mais nada, o lugar da intersubjetividade, o lugar onde os indivíduos se confrontam, o lugar onde encontro outrem. [...] a língua é o terreno onde afronto outrem.” Ducrot utiliza a palavra *outrem* especialmente por fazer uma relação entre a noção de Outro, uma categoria fundamental da realidade, introduzida por Platão na obra *O Sofista* (1972). Oswald Ducrot (2009, p.10) retoma palavras de Platão, ao falar que a categoria Outro se faz presente nas outras categorias (Movimento, Repouso, Mesmo, Ser): “Da essência do Outro, diremos que ela circula através de todas, porque se cada uma delas, individualmente, é diferente das demais, não é em virtude de sua própria essência, mas de sua participação na natureza do Outro”. Com essa retomada, Ducrot relaciona o

¹ Doravante, a Teoria da Argumentação na Língua será indicada pela sigla ANL.

² Tradução livre da autora para “hablar es construir y tratar de imponer a los otros una especie de aprehensión argumentativa de la realidad.”

pensamento de Saussure, sobre valor, com o pensamento de Platão, sobre o Outro, dizendo que “a oposição, para Saussure, é constitutiva do signo da mesma forma que a alteridade é, para Platão, constitutiva das idéias” (2009, p.10).

Não poderíamos deixar de apresentar esses conceitos na introdução deste trabalho, pois foi a partir deles que nasceu a vontade e o ânimo para desenvolver este estudo. Ao longo desta pesquisa, foram feitas análises sempre levando em consideração os objetivos e as questões norteadoras estabelecidas. Postulemos dois objetivos: (a) mostrar que é possível identificar no discurso a imagem que o locutor faz de seu alocutário, e (b) verificar diferentes maneiras de apresentação do alocutário no discurso do locutor. Não é pretensão nossa descobrir todas as formas de apresentar o alocutário, mas somente algumas. Arriscamo-nos a afirmar que seria impossível chegar a um número finito de diferentes formas de apresentar a imagem do *tu*. Como pretendemos verificar a imagem do alocutário sabendo que o locutor expressa seu ponto de vista e que deixa suas marcas no discurso, sendo ele é o centro da enunciação, formulamos a hipótese de que pode ser possível identificar, além da imagem do *tu*, a imagem que o locutor faz de si mesmo em alguns discursos. Não poderíamos deixar de apresentar as duas perguntas norteadoras desta pesquisa: (a) é possível identificar a imagem do alocutário no discurso?; (b) como a imagem do alocutário pode ser apresentada em diferentes discursos?.

Esta pesquisa está embasada na Teoria da Argumentação na Língua, especialmente na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), fase atual da ANL, desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores. A escolha da ANL como embasamento teórico se justifica por ser uma teoria de vertente saussuriana e enunciativa, pois reivindica que a enunciação deva ser introduzida no interior do enunciado, sendo o sentido do enunciado a representação da enunciação.

Quanto à metodologia, analisaremos quatro discursos diferentes que serão apresentados de acordo com a extensão das análises. A escolha da disposição das análises se deu por um motivo didático, pois a extensão do discurso ou da sua análise não tem maior relevância para a obtenção dos resultados. Nosso *corpus* não está composto de um único gênero discursivo, pois nosso objetivo não é verificar a construção do alocutário em gêneros específicos. O *corpus* contém os seguintes discursos, em ordem de abordagem: duas tiras de *Hagar, o horrível*, que, para melhor identificação, intitulamos de Menino Viking e Hagar e Helga; um manifesto, *Faz de conta que hoje é dia do professor*, e a crônica *A aliança*, de Luís Fernando Veríssimo.

Para análise, estabelecemos um roteiro próprio que está detalhado no capítulo 2, seção 2.1, Metodologia.

Para concluir esta introdução, optamos por apresentar como a dissertação está estruturada. No capítulo 1, abordaremos os pressupostos que embasam nosso estudo. Começamos com os alicerces da ANL, alguns conceitos estruturalistas e enunciativos. Após as seções em que a teoria de Saussure e a de Benveniste são expostas, há uma nova seção em que essas teorias são relacionadas com a Teoria da Argumentação na Língua. Em seguida, explicitamos conceitos da ANL, bem como a Teoria dos Blocos Semânticos e a Polifonia vista pela TBS. O capítulo 2 está composto por três partes, a metodologia e as análises, e a discussão dos resultados. Quanto à metodologia, foi elaborado um roteiro como guia de análise com cinco etapas distintas, que vão desde o apontamento do número de locutores no discurso até o modo de como a imagem do alocutário é apresentada. Os aspectos mais importantes são retomados na seção Discussão dos resultados. Nossas considerações finais a respeito da pesquisa, mostrando nosso sucesso no alcance dos objetivos, serão expressas no capítulo 3.

Passamos agora à exposição do embasamento teórico desta pesquisa.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 FUNDAMENTOS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

A Teoria da Argumentação na Língua tem sido desenvolvida por Oswald Ducrot e seus colaboradores há longos anos. Não podemos precisar exatamente quando a teoria começou a ser elaborada, podemos somente datar a primeira publicação em que o termo *argumentação na língua* apareceu, 1983. Desde então, é possível identificar nas obras, nos textos de Ducrot, ora de forma explícita, ora implícita, que a ANL tem bases estruturalista e enunciativa. Como esta seção tem como objetivo apresentar a fundamentação teórica em que esta pesquisa se embasa, acreditamos que, antes da apresentação da Teoria da Argumentação na Língua, é importante abordar conceitos em que a teoria está ancorada. Primeiramente, abordaremos alguns conceitos propostos por Saussure. Em seguida, serão expostos princípios desenvolvidos por Émile Benveniste que são relevantes para a teoria. A seção 1.1.3 tem como objetivo mostrar como os princípios saussureanos e enunciativos servem de alicerce para a Semântica Argumentativa. Para encerrar a o capítulo, apresentaremos a Teoria da Argumentação na Língua.

1.1.1 Base Saussuriana

Ferdinand Saussure, lingüista suíço, é considerado o pai da lingüística. Em suas aulas ministradas em Genebra, Saussure abordou conceitos importantes ao tratar o estudo da língua de forma sincrônica. No entanto, seus estudos só foram publicados após sua morte com a obra intitulada Curso de Lingüística Geral (CLG). A publicação desta obra só foi possível pela iniciativa tomada por Charles Bally e Albert Sechehaye, ao compilar informações dadas por Saussure aos seus alunos. Dessa forma, é importante ressaltar que o CLG é uma reconstrução das idéias saussurianas.

Serão abordados aqui somente alguns conceitos apresentados no CLG que são importantes para a Teoria da Argumentação na Língua: *língua e fala, relação e valor*.

Para Saussure, a *linguagem* é constituída por duas partes interdependentes, a *língua (langue)* e a *fala (parole)*. A *língua* é social, compartilhada por todos os indivíduos de uma comunidade. Saussure apresenta a *língua* como sendo passiva e classificável, “não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação” (SAUSSURE, 1974, p.22). Além disso, o lingüista compara a *língua* a um tesouro depositado no cérebro, tesouro este tão valioso que até mesmo “um homem privado da fala conserva a língua” (SAUSSURE, 1974, p.22). Foi por essas características que Saussure definiu-a como objeto de estudo da lingüística, tornando assim a lingüística uma ciência.

A segunda face que constitui a linguagem, a *fala*, possui características diferentes da *língua*. A *fala* é individual, é o uso que um indivíduo faz da *língua*, é o seu emprego. Em sua obra, Saussure não se deteve a estudar a *fala*, pois, como já mencionado, seu interesse era estudar a *língua* e torná-la um objeto científico.

O fato de a *fala* não ser o objeto de estudo de Saussure não significa que não deve ser estudada. O lingüista suíço considera a *fala* tão importante quanto a *língua*. Tão importante que há um capítulo intitulado *Lingüística da língua e Lingüística da fala*. Segundo Saussure, a *fala* é anterior à *língua*, pois, para que a *língua* se estabeleça como *língua*, se faz necessário o seu uso; “Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos lingüísticos.” (SAUSSURE, 1974, p. 27). A preocupação de Saussure com o uso da *língua* pode ser verificada também em *Escritos de Lingüística Geral*. Nessa obra, que são manuscritos de Saussure organizados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil, há uma nota especial sobre o discurso. Segundo ele, “a língua só é criada em vista do discurso”, e o discurso é “uma ligação entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos de forma lingüística, enquanto a língua realiza, anteriormente, apenas conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento”(SAUSSURE, 2002, p. 237).

Para falarmos no conceito saussuriano de *relação*, se faz necessário mencionar o que é signo. Para Saussure, o signo é constituído de duas faces: o *significante* e o *significado*, sendo o primeiro uma imagem acústica, e o segundo, um conceito. Não se pode ter um signo somente com o significado ou o significante, ele é essa associação entre ambos. O lingüista genebrino afirma que o signo se desvanece se separarmos as

duas partes que o compõem. Como vimos, a noção de relação já está na própria constituição de um signo. Podemos também relacionar um signo com outros de duas formas: por *relações sintagmáticas* e/ou *relações associativas*.

As *relações sintagmáticas* pertencem ao eixo dos sintagmas - *eixo das combinações*. Um sintagma é composto sempre de duas ou mais unidades alinhadas uma após a outra, podendo ser uma palavra composta ou, até mesmo, uma frase inteira. Os signos que estão no eixo das combinações se relacionam entre si. Um signo só tem valor quando se diferencia de outros signos presentes antes ou depois dele. “A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva.” (SAUSSURE, 1974, p.143). Essas relações se dão no nível do discurso, do uso da língua.

Como já dissemos, a outra forma de relacionar signos proposta por Saussure é a relação associativa, ou relação paradigmática. Ao contrário da sintagmática, as relações associativas acontecem fora do discurso, na memória das pessoas. A memória associa palavras que têm algo em comum formando grupos. Por exemplo, ao se falar em *Natal*, surgem outras palavras na mente que estão relacionadas a ela como *Papai Noel*, *árvore de Natal*, *presente*, etc. Os termos também podem ser relacionados *in absentia*. No CLG encontramos alguns exemplos. No caso de *ensino*, *ensinar* e *ensinamento*, o que relaciona os termos é o radical, *ensin-*. Podemos relacionar a palavra *ensinamento* com outras pelo sufixo: *ensinamento*, *armamento*, *desfiguramento*. Podemos associar as palavras por meio dos significados: *ensino*, *aprendizagem*, *instrução*, *educação*. O último caso é relacionar os termos pela imagem acústica: *ensinamento* e *lento*. Não se podem estipular números exatos, nem determinar uma ordem quando se associam os termos *in absentia*. “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida.” (SAUSSURE, 1974, p. 146)

A noção de *valor* desenvolvida por Saussure também está presente no trabalho de Ducrot. *Valor*, em Saussure, traz a idéia de *relação*. Em *Escritos de Lingüística Geral*, Saussure afirma que o *valor* consiste “na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações, estabelecida sobre a diferença geral dos signos *mais* a diferença geral das significações *mais* a atribuição anterior de certas significações a certos signos ou reciprocamente” (SAUSSURE, 2002, p.31). Reforçando a importância da *relação* no *valor lingüístico*, no CLG, no capítulo destinado ao *valor lingüístico*, Saussure diz que “o valor de qualquer termo que seja está determinado por

aquilo que o rodeia” (SAUSSURE, 1974, p. 135). Quando se fala em valor, não se pode deixar de mencionar *diferença*. Para um termo ser um termo, ele precisa relacionar-se e diferenciar-se de outros. Um é o que o outro não é. Completando essa idéia, Saussure afirma que “*o sentido de cada forma, em particular, é a mesma coisa que a diferença das formas entre si. Sentido = valor diferente*” (2002, p.30). Retornando às relações sintagmáticas e associativas, pode-se dizer que, no eixo das associações, as palavras possuem um valor semântico e um fonológico. Esse valor semântico, do eixo paradigmático, não está completo. Ele se completará quando as palavras estiverem em contato, relacionadas no discurso, no eixo sintagmático. Uma palavra não tem seu sentido próprio anterior ao uso.

1.1.2 Teoria Enunciativa de Benveniste³

Neste momento, queremos mostrar que alguns conceitos da Teoria Enunciativa, propostos por Émile Benveniste, influenciaram Ducrot na elaboração da Teoria da Argumentação na Língua. Frisamos que abordaremos somente aqueles conceitos que têm uma aproximação com a ANL.

Ao longo das obras de Benveniste é possível ver a forte presença de conceitos de Saussure. A partir dos conceitos de *língua* e *fala* propostos por Saussure, Benveniste formula sua teoria da enunciação. Ele não se detém somente a estudar a *língua* como forma; ele vai além do que Saussure fez, ele busca o sentido na língua, no uso da língua. Em *Semiologia da língua*, o lingüista afirma que “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, da qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua.” (BENVENISTE, 1989, p.67)⁴. Benveniste, então, afirma que na *língua* existe *forma* e *sentido*. Em *Os níveis de análise linguística*, Benveniste apresenta níveis de análise, desde o fonema até a frase, passando pelo morfema e pela palavra. Segundo o autor, teremos a *língua* como forma se reduzirmos uma unidade aos seus constituintes. Enquanto a *forma* é capaz de dissociar-se em

³ Todos os textos que serão aqui citados fazem parte das obras Problemas de Lingüística Geral I e Problemas de Lingüística Geral II. Sendo as obras uma compilação de artigos publicados em outros momentos, todas as citações utilizadas terão sua referência original mencionadas em notas de rodapé.

⁴ *Semiotica*, La Haye, Mouton & Co., (1969), I, p. 1-12 e 2, p. 127-135.

constituintes de nível inferior, o *sentido* integra uma unidade de nível superior. Assim, quando tratamos de fonemas, morfemas e palavras, que podem ser contados, distribuídos no seu nível respectivo e empregados no nível superior, estamos falando de *forma*. A frase, que não é contável e não tem nem distribuição nem emprego, está na língua como semântica. Para Benveniste,

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluímos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso. (BENVENISTE, 2005, p. 139)⁵.

A frase, para o lingüista, pertence ao discurso, ela é uma unidade do discurso que traz sentido, pois é enformada de significação, e referência, porque se refere a uma determinada situação. É com a frase que Benveniste consegue ultrapassar a noção de língua enquanto sistema e estudar a língua em uso.

Quando se fala em frase, discurso, emprego da língua em Benveniste, é preciso falar de enunciação. No *Aparelho Formal da Enunciação*, o autor afirma que “a enunciação é este ato de colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 1989, p.82)⁶. Ao falar em enunciação, o autor enfatiza que enunciado e enunciação não significam a mesma coisa. A enunciação é o ato de produzir um enunciado e não o texto do enunciado. O enunciado é o produto do processo de enunciação. A língua pode ser definida antes e depois da enunciação:

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 1989, p. 83-84)⁷.

Na citação acima, Benveniste deixa claro que a língua é colocada em funcionamento por um locutor, assim, o emprego da língua é responsabilidade do locutor. O locutor é condição necessária para a realização do ato individual de utilização

⁵ *Proceedings of the 9th International Congress of linguistics*, Cambridge, Mass., 1962, Mouton & Co., 1964

⁶ *Langages*, Paris, Didier-Larousse, 5º ano, nº 17 (março de 1970), p. 12-18.

⁷ Idem

da língua. No *Aparelho Formal da Enunciação*, o lingüista define por *processo de apropriação* o fato de, na enunciação, o locutor apropriar-se do aparelho formal da língua e enunciar a sua posição em índices específicos e em procedimentos acessórios.

Na enunciação, o locutor não só se apropria da língua e utiliza-a. Ao fazer isso, o locutor imediatamente instaura *o outro* diante de si. A enunciação estabelece uma relação do locutor com o alocutário, relação esta em que o locutor utiliza-se da língua por necessidade de referir pelo discurso, e o outro, por necessidade de co-referir. O locutor se enuncia como um *eu* em relação a *tu* e *ele*. *Eu* e *tu* são chamados de pessoas, enquanto *ele* é chamado de não-pessoa. *Eu* e *tu* falam de *ele*.

Cada enunciação é única e irrepitível. Para mostrar o porquê da sua irrepitibilidade, abordaremos as noções de pessoa, tempo e espaço. Iniciamos com a noção de pessoa e não-pessoa, pois já foi mencionado que na enunciação, um *eu* sempre enuncia para um *tu* sobre um *ele*, e que *eu/tu* são pessoas e *ele*, não-pessoa.

Eu pode ser apenas mais um item lexical, como qualquer outro da língua, quando falamos em forma. No entanto, quando posto em ação no discurso, o *eu* indica a presença do locutor, da pessoa. Cada vez que *eu* é produzido, há uma nova enunciação. Por mais que um enunciado com *eu* seja repetido inúmeras vezes, a enunciação nunca será a mesma, pois o locutor se insere em um novo tempo e num novo espaço. *Eu* só tem valor na instância na qual é produzido. Lembramos que não há somente a locução, cada vez que o locutor emprega a língua, o alocutário é instituído. Seguindo o raciocínio de que cada vez que alguém assume o *eu* se designa uma nova pessoa, temos para cada nova enunciação um novo *tu*.

Benveniste considera o fato de um *tu*, em uma enunciação, se tornar um *eu*, em uma outra. *Eu* pode tomar o lugar do *tu*, e o *tu*, o do *eu*, ou seja, há a reversibilidade no discurso. Em um diálogo, por exemplo, o *eu* faz uma pergunta ao *tu*. Numa outra enunciação, quando o *tu* vai responder, não será mais *tu*, será o *eu*. O *tu* será o *eu* da enunciação anterior. Reforçamos que o *eu* e o *tu* só existem na medida em que são atualizados na instância de discurso.

Além de ver a subjetividade e a intersubjetividade na linguagem, Benveniste aborda a não-pessoa, *ele*. O *ele* não fala numa locução, fala-se do *ele*. Ele é considerado não-pessoa por não participar da constituição do *eu* na enunciação. Em *a natureza dos pronomes* (BENVENISTE, 2005, p. 283)⁸, Benveniste aponta quatro

⁸ For Roman Jakobson, Mouton & Co., Haia, 1956.

aspectos importantes sobre a não-pessoa: o *ele* combina com qualquer referência de objeto; não é reflexivo na instância de discurso; comporta um número bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; não é compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aqui*, *agora*, etc.

Eu/tu, *aqui* e *agora* são alguns indicadores utilizados pelo locutor que remetem a pessoa, espaço e tempo. Benveniste diz que esses signos são vazios, pois são desprovidos de referência material. Os signos vazios se tornam plenos, quando o locutor os assume na enunciação. São os signos vazios que permitem converter a linguagem em discurso. A linguagem, quando assumida pelo locutor, torna-se instância de discurso, instância que tem o *eu* como centro de referência. Chama-se de indicadores elementos lingüísticos, de classes diferentes, que indicam o momento e o lugar em que o locutor enunciou. Os demonstrativos, *este*, *aquele* referem um objeto na instância de discurso, sempre em relação a *eu* e a *tu*. O mesmo acontece com outros indicadores: *aqui*, *agora*, *ontem*, *hoje*, *em três dias*, etc. O autor defende a idéia de que os termos não podem somente ser classificados como dêiticos, como normalmente se faz; deve-se levar em consideração a enunciação. Assim, demonstrativos, por exemplo, cada vez que forem utilizados terão um caráter único e particular.

O tempo pode ser visto de três formas: tempo físico, tempo crônico e tempo lingüístico. O tempo físico é definido como sendo infinito, linear, segmentável à vontade, tendo por correlato no homem uma duração infinitamente variável, que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior. O tempo crônico é aquele dos acontecimentos, capaz de estruturar nossa vida de acordo com uma seqüência de acontecimentos. É o tempo do calendário, de fenômenos naturais, como fases da lua, estações do ano, etc. Já o tempo lingüístico está ligado ao exercício da fala. Ele tem um centro que é o presente da instância da fala. Pelo presente lingüístico podemos separar um momento que é anterior e o que ainda não é presente. Pelo tempo lingüístico pode-se falar do passado e do futuro, mas sempre tendo como eixo o presente, quando a língua é colocada em uso. Por exemplo, em *comprei um carro novo ontem*, o locutor utiliza o pretérito perfeito para indicar um fato ocorrido antes do momento da enunciação. Ele não pode voltar ao passado e falar no exato momento em que comprou o carro.

Em *A linguagem e a experiência humana*, mais especificamente o último parágrafo, encontramos belas palavras de Benveniste:

A intersubjetividade tem assim sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem. (BENVENISTE, 1989, p. 80)⁹

Escolhemos o trecho recém citado como forma de conclusão desta seção por apresentar uma visão do uso da língua, ou seja, que a língua é colocada em uso numa relação estabelecida entre um *eu* e um *tu*, em um determinado espaço e tempo. Com isso, passamos para uma nova seção em que serão articuladas três abordagens teóricas, Saussuriana, Enunciativa e Argumentativa, mostrando suas semelhanças.

1.1.3 Articulação entre a Teoria Saussureana, a Teoria Enunciativa de Benveniste e a Teoria da Argumentação na Língua

Expostos alguns conceitos fundamentais da Teoria Saussureana e da Teoria Enunciativa de Benveniste, mostraremos a posição de Ducrot frente a eles. Ducrot faz uma leitura particular de Saussure e Benveniste, reinterpretando alguns conceitos que constituirão o alicerce da Teoria da Argumentação na Língua.

Como já dissemos na seção 1.1.1, Saussure vê a *língua como* sendo social, abstrato pois está em cada indivíduo independente de sua vontade, e a *fala*, como individual e concreto, pois cada indivíduo coloca a *língua* em uso de uma forma particular. Saussure afirma que os dois objetos, *língua* e *fala*, estão estreitamente ligados. Para que a *língua* se estabeleça, é necessária a *fala*. E só há *fala*, se houver *língua*. Ducrot parte da oposição *língua/fala* – abstrato/concreto – e define *frase* e *enunciado, texto e discurso* na ANL. Começamos por definir os conceitos que estão num nível elementar. A *frase* é o material lingüístico utilizado pelo locutor, não pode ser observada, é uma entidade abstrata, é repetível. Já o *enunciado* é o que foi realizado, não é abstrato, pode ser observado e é irrepetível. A *frase* é repetível por poder se transformar em diversos enunciados, mas um enunciado nunca poderá ser repetido.

⁹ *Diogène*, Paris, U.N.E.S.C.O., Gallimard, nº 51 (julho-setembro de 1965), p. 3-13.

Assim como a *frase*, o *texto* é abstrato, não pode ser observado. O *texto* é uma seqüência de frases relacionadas. O *discurso* é concreto, uma seqüência de enunciados que estão relacionados.

No artigo *La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure?* (2006), Ducrot admite que, sob alguns ângulos, ele não é fiel à Saussure. Mas sua fidelidade não pode ser posta em dúvida quando se fala em *valor*, pois essa noção foi colocada no centro do seu trabalho desenvolvido sobre semântica. Juntamente com essa noção, discutiremos sobre a noção de relação. Referindo-se às relações entre significante e significado de um signo e as relações entre signos, Ducrot expressa como isso ocorre à luz da TBS. Para ele, o valor de um signo *S* se dará pelas relações de *S* com outros signos. Essas relações podem ser de dois tipos, as que constituem o significado e as que constituem o significante de *S*. O significante de *S* é constituído por meio de relações entre *S* e outros signos, relações que se manifestam na “imagem auditiva” de *S*, como por exemplo: ensinamento e armamento. O significado de *S* também se dá por meio de relações entre *S* e outros signos, mas se manifestam na significação de *S*, por exemplo: ensino e professor. Para Ducrot, interessa somente estudar as relações entre *S* e outros signos que constituem o seu significado. O lingüista francês vincula ao signo encadeamentos argumentativos do tipo *X DC Y* e *X PT Y*. Segundo Ducrot, a língua prevê para o signo alguns encadeamentos, que são chamados de estruturais. Os encadeamentos contextuais são aqueles que só podem ser estabelecidos no uso. Como exemplo, Ducrot apresenta a palavra *perdoar*. O encadeamento estrutural seria do tipo *amar DC perdoar* ou *não amar PT perdoar*, e o encadeamento contextual seria *estar de bom humor DC perdoar* ou *estar de mau humor PT perdoar*.

As relações podem ocorrer também em outros níveis, por exemplo, no discurso. Tomamos como exemplo um discurso composto por três enunciados. O sentido do E1 deve estar relacionado com o sentido de E2 e E3. O sentido de E2 também está relacionado com E3 e com E1. O mesmo acontece com E3, pois seu sentido está vinculado aos sentidos de E1 e E2.

Com relação às relações sintagmáticas e associativas, Ducrot também demonstra por meio de encadeamentos argumentativos como elas acontecem. As *relações sintagmáticas* são aquelas em que há dois segmentos relacionados por um conector. Em *João é rico DC é feliz*, a felicidade de João está relacionada com o fato de ser rico. Quanto às *relações associativas*, exemplificaremos da seguinte maneira. Tomamos o

primeiro segmento do encadeamento, *João é rico DC...* . O segundo segmento pode ser *é feliz, trabalha muito* ou *tem muitos imóveis*. As três opções de continuções do encadeamento se encontram no eixo das escolhas, e somente uma poderá completar o sentido de rico.

Como já mencionado, *enunciado* e *discurso* diferem de *frase* e *texto* por serem o emprego da *língua*. Neste momento, entramos na base enunciativa da ANL, mencionando conceitos criados por Benveniste. Benveniste se propôs a estudar o uso da *língua*. Para tanto, definiu *enunciação* como um processo em que, individualmente, a *língua* é colocada em funcionamento. Ao se apropriar do aparelho formal, o locutor *eu* enuncia a um *tu*, e ao enunciar, ele deixa marcas de sua subjetividade. Ducrot também utiliza na ANL conceitos como *enunciação*, *locutor* e *alocutário*. A semântica proposta por Oswald Ducrot se caracteriza por ser estritamente lingüística. A pessoa, ser humano, denominada *sujeito empírico*, não interessa à semântica lingüística. Ducrot afirma que o sentido do enunciado é a representação da enunciação (DUCROT, 1987, p. 172), que os enunciados fazem alusão à *enunciação*, e essas alusões formam partes do sentido do enunciado. A *enunciação* é o surgimento do enunciado. O *enunciado* é o produto da enunciação, objeto de estudo. Para a ANL, o *locutor* e *alocutário* não são pessoas, seres humanos, mas são seres de fala no discurso, a fonte e o destino da enunciação. Além dos termos *enunciação*, *enunciado*, *locutor* e *alocutário*, há também os *enunciadores*. O *enunciador* é a origem dos pontos de vista que o locutor apresenta. Os *enunciadores* não têm palavras, são vozes implícitas ao *enunciado*. Cabe ao *locutor* tomar uma atitude frente aos *enunciadores*. Nosso intuito aqui não é explicar toda a teoria, mas apontar semelhanças e diferenças. Por isso, na próxima seção os conceitos recém mencionados serão retomados e explicados melhor.

Assim como Benveniste, Ducrot postula a subjetividade e intersubjetividade na linguagem. “Ao meu modo de ver, se a linguagem comum a [realidade] descreve, o faz por intermédio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos. A maneira como a linguagem comum descreve a realidade consiste em fazer dela o tema de um debate entre os indivíduos.”(DUCROT, 1990, p.50)¹⁰.

¹⁰ Tradução nossa de “A mi modo de ver, si el lenguaje ordinário la describe, lo hace por intermédio de los aspectos subjetivo e intersubjetivo. La manera como el lenguaje ordinário describe la realidad consiste en hacer de ella el tema de um debate entre los individuos.”

1.2 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Nesta seção apresentaremos a teoria que embasará o presente estudo, a Teoria da Argumentação na Língua (ANL) na sua terceira forma, a Teoria dos Blocos Semânticos. A ANL encontra-se em desenvolvimento, por isso utilizaremos sua atual fase. A primeira fase, a forma *standard*, foi elaborada por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre. Com muito estudo, os teóricos perceberam que era necessário revisar e reformular a forma *standard*, passando assim à segunda forma. Na segunda forma, encontramos a Teoria Polifônica e a Teoria dos *Topoi*. A Teoria dos *Topoi* foi refutada por Ducrot. Segundo ele, os princípios das relações argumentativas não eram, na Teoria dos *Topoi*, estritamente de ordem lingüística. Assim, estariam renunciando ao princípio saussuriano de que se estuda a língua por ela mesma. A ANL sofre uma nova reformulação com o lançamento da tese de Marion Carel, em 1992. Desde então, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) vem sendo desenvolvida por Carel e Ducrot. O fato de a teoria ter sofrido modificações não a empobrece, como poderiam pensar alguns, ao contrário, demonstra uma evolução do pensamento de que o sentido se constrói lingüisticamente.

Sendo nosso trabalho embasado pela ANL na sua atual fase, não vamos nos deter a explicar as duas versões já refutadas pelo teórico. Apresentaremos primeiramente conceitos da ANL que, embora a teoria tenha passado por transformações, continuam os mesmos. Em seguida, discorreremos sobre a TBS e a sua importância na construção do sentido no lingüístico, e a polifonia, vista pela TBS.

1.2.1 Teoria da Argumentação na Língua: conceitos

O axioma da ANL é “a argumentação está na língua”.. A argumentação lingüística, para Ducrot, é produzida na relação entre locutor e alocutário, em que o locutor apresenta para o alocutário sua posição a respeito daquilo de que se fala. O argumento será expresso por meio de encadeamentos argumentativos onde dois segmentos são interligados por um conector do tipo DC (portanto) ou PT (no entanto).

O aspecto objetivo da linguagem é excluído na ANL. Ducrot não concorda com a hipótese de a linguagem dar acesso direto à realidade. Para ele, a realidade é descrita por um locutor para um alocutário. Enquanto o aspecto subjetivo indica a atitude do locutor frente à realidade, o aspecto intersubjetivo se refere às relações do locutor com os seus alocutários. Esses dois aspectos são unificados e chamados de *valor argumentativo*. “O valor argumentativo de uma palavra é por definição a orientação que essa palavra dá ao discurso.”(DUCROT, 1990, p. 51)¹¹. A orientação define se a continuação discursiva de um enunciado pode ser possível ou impossível. Se digo *Pedro é inteligente*, não é possível continuar com *portanto não passará de ano*. A continuação do discurso pode ser *não passará de ano* se *no entanto* estiver relacionando os dois segmentos.

Para estudar o uso da língua, alguns conceitos foram elaborados e diferenciados enquanto abstratos e concretos, são eles: *frase, enunciado, texto, discurso, significação, sentido e instrução*. *Frase* é uma entidade lingüística abstrata e teórica, um conjunto de palavras relacionadas de acordo com regras de sintaxe, fora de uma situação de discurso. É uma construção do lingüista para explicar enunciados. *Enunciado* é a realização da frase, é uma realidade empírica. “[...] não vemos, não ouvimos frases. Só vemos e ouvimos enunciados” (DUCROT, 1990, p. 53)¹². A *frase* é repetível, mas o *enunciado* não. Se Pedro é rico DC é feliz for pronunciado três vezes, teremos três enunciados diferentes, pois foram pronunciados em tempos e espaços diferentes. *Texto* é uma seqüência de frases relacionadas, pertence ao nível abstrato. Por sua vez, *discurso* é a seqüência combinada de enunciados, a realização de um texto. Sendo a ANL uma teoria semântica, como se dá o sentido na frase e no enunciado? Para começar, há uma distinção entre *significação* e *sentido*. A frase contém *significação*; o enunciado, *sentido*. É tarefa do lingüista atribuir a cada frase uma *significação*, e, a partir dessa *significação*, prever o *sentido* do enunciado em uma dada situação de emprego. A *significação* da frase dá *instruções* para que se busque o *sentido* no enunciado. A *instrução* deve ser ampla, aberta. Ducrot apresenta a *instrução* de frases do tipo X *mas* Y. “Esta *instrução* diz: busque no enunciado uma conclusão *r* de modo que resulte justificada por X e uma conclusão *não r*, (...) justificada por Y.”(DUCROT, 1990,

¹¹ “El valor argumentativo de una palabra es por definición la orientación que esa palabra da al discurso.”

¹² “[...] no oímos, no vemos frases. Solamente vemos y oímos enunciados.”

p.59)¹³. Essa instrução de *mas* é ampla, pois abrange dois sentidos diferentes. Ducrot e Vogt (1989)¹⁴ fizeram um estudo sobre *mas* explicando sua derivação do advérbio latino *magis*. *Magis* era utilizado para formar o comparativo de superioridade e, em algum momento, teve o duplo valor de *mas* e *mais*. Vogt e Ducrot (1989) classificam o *mas* em duas categorias: o *mas* PA e o *mas* SN. O *mas* PA (espanhol *pero*/ alemão *aber*) é chamado pelos autores de “democrático”, pois, no primeiro segmento, há uma afirmação, ou seja, o locutor concorda parcialmente. A primeira proposição pode ser positiva ou negativa. Sua função é introduzir uma proposição *p* que orienta para uma conclusão *não-r* oposta a uma conclusão *r* para a qual *p* poderia conduzir. Um exemplo:

(1) Pedro é inteligente, mas não é bom aluno.

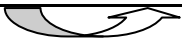
No caso acima, temos no suporte do encadeamento a concordância do locutor quanto à inteligência de Pedro, entretanto ele crê que, mesmo assim, não é um bom aluno. No *mas* (espanhol *sino*/ alemão *sondern*), ocorrerá uma retificação, havendo no suporte uma negação. Por isso ele é chamado “polêmico”. Ocorre sempre depois de uma proposição negativa $p = \text{não } p'$ e introduz uma determinação *q* que substitui a determinação *p'* negada em *p* e atribuída a um interlocutor real ou virtual.

(2) Pedro não é inteligente, mas esperto.

Em (2) há uma discordância total a respeito da inteligência de Pedro, pois o locutor diz que Pedro é, na verdade, esperto. Voltando à distinção de *significação* e *sentido*, o *sentido* de um enunciado não é simplesmente a soma de significações de palavras em uma frase, pois ambos são de naturezas diferentes. O sentido de um enunciado se obtém a partir da significação da frase, aplicada a uma situação de enunciação. Colocaremos em forma de esquema o que falamos acima:

¹³ “Esta instrucción dice: busque una conclusión *r* de modo que resulte justificada por X, y una conclusión *no r*, (...) justificada por Y.”

¹⁴ O artigo foi publicado na *Revue de linguistique romane*, nºs 171-172, tomo 43, Lyon/Strasbourg, 1979, p.317-341.

	<i>Entidade abstrata</i>	<i>Entidade concreta</i>
Saussure	<i>Língua</i>	<i>Fala</i>
Ducrot	Frase	Enunciado
	Texto	Discurso
	Significação	Sentido
	Instrução	

Falaremos agora de enunciação. O termo para a ANL é o surgimento do enunciado, o acontecimento histórico de uma frase que se torna objeto de um enunciado. Ducrot aponta duas formas de estudar a enunciação: “a partir de condições sociais e psicolinguísticas, é o que faz a sociolinguística e a psicolinguística, ou as alusões que um enunciado faz à enunciação, alusões que formam parte do sentido mesmo deste enunciado.” (DUCROT, 1998, p. 667). A segunda opção de estudo é a escolhida pelo lingüista. Quando Ducrot diz que “o sentido do enunciado é a representação da enunciação” (DUCROT, 1987, p. 172), ele se refere ao fato de que grande parte do sentido do enunciado é constituído por vestígios sobre a sua enunciação; “não se pode falar sem se falar da sua própria fala.”(DUCROT, 1984, p. 379). Há enunciação quando uma frase se transforma em enunciado, proferida por um locutor a um alocutário em um determinado espaço e tempo.

Em *Polifonía y Argumentación* (1990), Ducrot define e distingue sujeito empírico (λ), locutor (L) e enunciador (E). *Sujeito empírico* é o que produz o enunciado, ser humano com vida social. *Locutor* é o ser de fala responsável pelo enunciado. É possível identificar o L do enunciado, pois, ao enunciar, ele deixa marcas de sua subjetividade: *eu, minha, agora, aqui*, etc. Não podemos esquecer que, ao enunciar, o locutor se dirige a um alocutário. Nosso intuito nesta pesquisa é mostrar que é possível identificar o alocutário imaginado pelo locutor no seu discurso. *Enunciador* é a origem dos diferentes pontos de vista que se apresentam no enunciado, o E não tem palavras, são “vozes” implícitas ao enunciado. A Teoria Polifônica da Enunciação foi introduzida no segundo momento da ANL. O termo polifonia foi utilizado também por Mikhail Bakhtin, mas conceitualizado de forma diferente. Ao estudar a obra de Dostoiévski, Bakhtin apresenta o conceito de polifonia. Para ele, as vozes não são sujeitas a nenhuma espécie de hierarquização, seja em relação a um organizador externo ou a uma outra voz, ou seja, as vozes são equípolentes, relacionam-se em pé de igualdade.

A polifonia adotada por Ducrot não é a mesma de Bakhtin. Ducrot traz à análise lingüística a idéia de que o autor de um enunciado não se expressa diretamente; ele põe em cena diferentes enunciadores no mesmo enunciado. O sentido do enunciado nasce da confrontação das diferentes vozes presentes implicitamente no enunciado/discurso. Quando falamos em autor de um enunciado, estamos nos referindo ao locutor, não ao sujeito empírico. Ducrot não estuda o λ pois seu foco de estudo é o lingüístico.

Um dos exemplos de polifonia expostos em *Polifonía y Argumentación* é do uso de *ao contrário* em um enunciado. Em *Pedro não veio, ao contrário, ficou em casa*, há dois segmentos que não são contrários. Pedro não veio, deve ter ficado em casa. Por polifonia, é possível explicar o uso de *ao contrário* relacionando dois segmentos não opostos. Para o primeiro segmento, Pedro não veio, há dois enunciadores: um positivo e outro negativo.

E1: Pedro veio.

E2: Pedro não veio.

O emprego de *ao contrário* se justifica pelo E1 subjacente ao enunciado. O E1 não é assumido pelo locutor, mas está implícito no enunciado. Admitindo essa possibilidade polifônica, o emprego da locução se dá entre o E1 positivo e o segundo segmento, *ficou em casa*.

Com relação aos enunciadores, nessa fase da teoria, o locutor tem três formas de se relacionar com os enunciadores: identificar-se, aprovar ou opor-se. Apresentaremos sucintamente cada um deles. Identificar-se com um enunciador é assumir um ponto de vista. No caso de *Pedro veio*, o locutor se identifica com o enunciador e coloca-o em seu enunciado. A segunda atitude é aprovar, ou seja, o locutor concorda com um ponto de vista, mas esse enunciador não é admitido no enunciado. Por exemplo, Pedro parou de fumar. Nesse caso, há um pressuposto, *Pedro fumava antes*, e um posto, *Pedro não fuma agora*. Aqui, o pressuposto é o E1, enquanto o posto é o E2. O locutor aprova E1 e se identifica com E2. Quanto à terceira atitude, o locutor rechaça o ponto de vista do enunciador. Esse caso é exemplificado com o humor. No humor, o L apresenta um ponto de vista absurdo, o mesmo que ele rejeita, e não apresenta nenhum outro ponto de vista que possa corrigi-lo. O uso da negação também pode ser um caso de oposição. Em *João não veio*, há um enunciador positivo, *João veio*, e outro negativo, *João não veio*.

O ponto de vista do enunciador positivo é rechaçado pelo locutor, enquanto o negativo é assumido por ele.

O sentido do enunciado pode ocorrer polifonicamente, e para isso é preciso que o locutor apresente os pontos de vista dos enunciadores, que ele se relacione com os enunciadores postos em cena, e assimile um enunciador a um determinado personagem.

Voltaremos a tratar da Polifonia na seção 1.2.3. Passamos agora à atual fase da ANL, a TBS, para, então, apresentar a Polifonia à luz da TBS.

1.2.2 Teoria dos Blocos Semânticos (TBS)

A terceira fase da ANL, Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), foi proposta por Marion Carel em sua tese, em 1992. Na tese é abordada a radicalização do estudo do sentido lingüístico. Carel mantém as bases estruturalista e enunciativa e os princípios da ANL, e propõe uma concepção de sentido. Carel apontou em sua tese a infidelidade da Teoria dos *Topoi* em relação aos princípios estruturalistas da ANL. Desde então, com o aval de Ducrot, Carel e Ducrot têm desenvolvido essa teoria. A polifonia, por exemplo, passou a ser vista sob o enfoque da TBS.

Com a TBS, a Teoria dos *Topoi* é abandonada. Carel chamou a atenção para o fato de que o sentido nessa teoria era construído com elementos extralingüísticos. Na teoria dos *Topoi*, os encadeamentos argumentativos eram embasados nos *topoi*, ou seja, havia uma passagem do primeiro segmento, o argumento, para o segundo, a conclusão. Essa passagem seguia uma forma: quanto mais verdadeiro é o que se diz no argumento, mais verdadeiro é o que se diz na conclusão. Por exemplo, em *o hotel é perto portanto é fácil chegar*, o princípio que embasa é *quanto mais perto está um lugar, mais facilmente se chega a ele*. O princípio que embasava não era lingüístico, estava na realidade de estar perto e de chegar fácil. Logo, o princípio saussuriano de estudar a língua nela mesma não era respeitado.

O sentido na TBS é constituído por certos discursos que uma entidade lingüística evoca, representado por encadeamentos argumentativos. Os encadeamentos são constituídos por dois segmentos, um é o aporte¹⁵, e o outro, o suporte. O suporte é o

¹⁵ Lembramos que os conceitos *aporte* e *suporte* já foram definidos na página 26.

anterior, o antecedente da conexão; o aporte é o posterior, o conseqüente. Não é a posição antes ou depois do conector que caracteriza o aporte e o suporte. *Está chovendo* é suporte tanto em *está chovendo, no entanto vou sair* quanto em *vou sair, mesmo que chova*. O encadeamento argumentativo é do tipo X CONECTOR Y, podendo ser normativo ou transgressivo. A teoria admite somente dois conectores, *portanto* (DC) e *no entanto* (PT), que são representativos de outros. Os encadeamentos normativos são aqueles em que dois segmentos são unidos pelo conector DC. Já os encadeamentos transgressivos são os que unem os segmentos com o conector PT. A norma e a transgressão não são estabelecidas pela apreensão sobre a realidade do sujeito empírico, essa oposição está no interior das palavras. Convém ressaltar que os conectores são construtos teóricos, por isso são somente dois. No encadeamento, o conector representa diferentes palavras ou expressões que estão no uso, como *então, mas*, etc. Para exemplificar encadeamentos normativos utilizando expressões diferentes, trazemos

(1) *Pedro é prudente, portanto não terá nenhum acidente.*

(2) *Se Pedro é prudente então não terá nenhum acidente.*

Os encadeamentos transgressivos podem ser relacionados com palavras e expressões como

(3) *Pedro é prudente, no entanto sofreu acidente.*

(4) *Apesar de ser prudente, Pedro sofreu acidente.*

Lembrando a noção de *relação saussureana*, explicaremos a *interdependência semântica* na TBS. A *interdependência semântica* se dá pela relação entre dois segmentos encadeados. Um segmento só tem sentido se relacionado com o outro. Imaginemos uma situação em que um locutor diz:

(5) *Faz calor portanto vamos passear.*

O comentário do outro locutor é:

(6) *Faz calor portanto não vamos passear, vamos ficar em casa.*

Poderíamos levantar outros dois discursos possíveis:

(7) *Não faz calor portanto não vamos passear.*

(8) *Não faz calor portanto vamos passear*

O sentido de calor não é o mesmo nos quatro encadeamentos. Em (5) e (7) calor tem sentido de ser bom para sair, *calor DC bom para sair*. Embora haja em (7) a negação nos dois segmentos, o sentido de calor é o mesmo. O mesmo acontece em (6) e (8). (6) e (8) possuem a negação em segmentos diferentes, mas o sentido de calor é o mesmo, o calor é bom para ficar em casa, *calor DC neg-sair*. O conector *portanto* (DC) introduz a interdependência entre o primeiro segmento e o segundo. O segmento A só tem sentido em relação a DC B, e B, só em relação a A DC.

Anteriormente, dissemos que o encadeamento é do tipo X CONECTOR Y. Vale a pena ressaltar que X e Y representam a forma, e A e B representam o sentido. Para tanto, A corresponde ao segmento X e B corresponde ao segmento Y. A negação em um segmento será representada por *neg-*. Assim sendo, os encadeamentos (5), (6), (7) e (8) são representados da seguinte maneira:

(5') A DC B

(6') A DC neg-B

(7') neg-A DC neg-B

(8') neg-A DC B

Cada um desses encadeamentos é chamado de *aspecto argumentativo*. (5') e (7') possuem o mesmo sentido, em que A é *calor*, e B, *passear*. Assim, os aspectos (5') e (7') formam um mesmo *bloco semântico*. Nos aspectos (6') e (8') o sentido é o mesmo, A é *calor*, e B é *neg-passear*. Esses aspectos formam um bloco, mas um bloco diferente de (5') e (7').

Dos dois sentidos de calor, construiremos dois blocos semânticos introduzindo encadeamentos relacionados com o conector PT.

O primeiro bloco é referente ao *calor convidativo a um passeio*.

(1) *Faz calor no entanto não vamos passear*

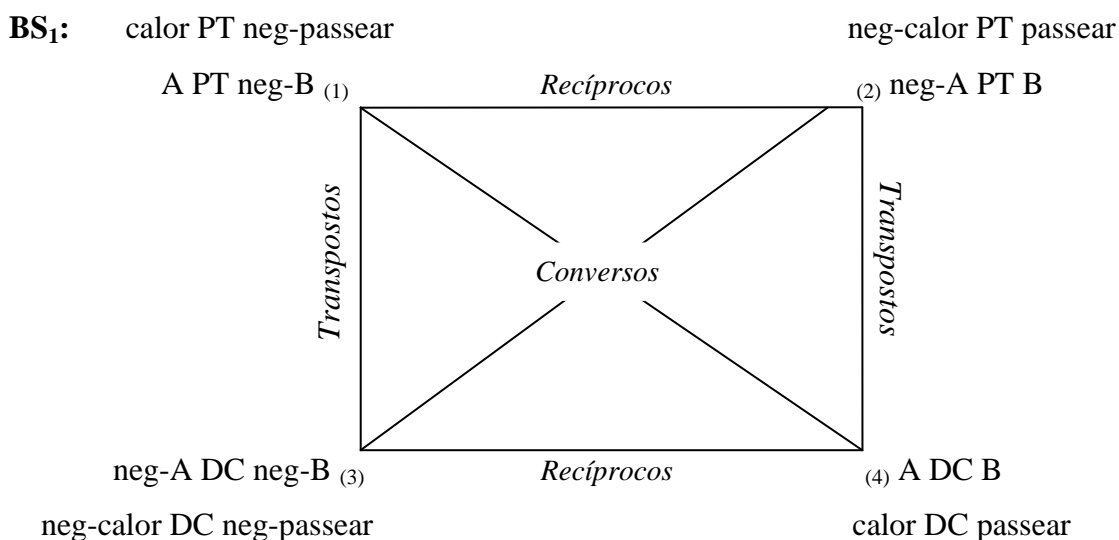
(1') A PT neg-B

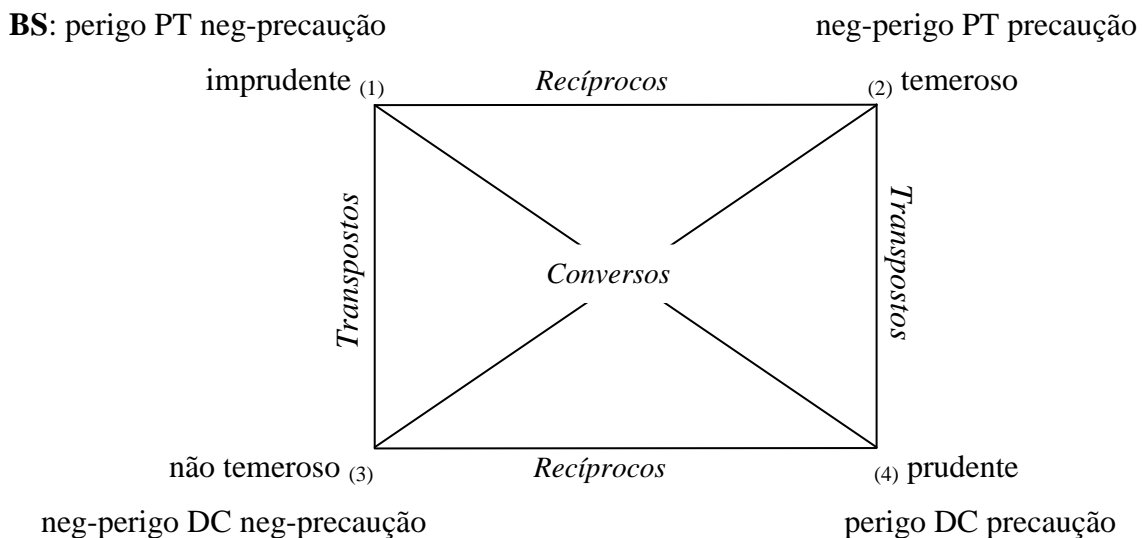
- (2) *Não faz calor no entanto vamos passear.*
 (2') neg-A PT B
 (3) *Não faz calor portanto não vamos passear*
 (3') neg-A DC neg-B
 (4) *Faz calor portanto vamos passear*
 (4') A DC B

O segundo bloco se refere ao sentido de *calor não convidativo a um passeio*.

- (5) *Faz calor no entanto vamos passear.*
 (5') A PT B
 (6) *Não faz calor no entanto não vamos passear.*
 (6') neg-A PT neg-B
 (7) *Não faz calor portanto vamos passear.*
 (7') neg-A DC B
 (8) *Faz calor portanto não vamos passear.*
 (8') A DC neg-B

Os aspectos podem se relacionar de três formas: *recíproca*, *transposta* e *conversa*. Para melhor visualizar as relações, aplicaremos os aspectos no quadrado argumentativo.





Continuando o foco da TBS na descrição de palavras, diferenciaremos agora palavras *plenas* e palavras *ferramentas* ou *gramaticais*. As *palavras plenas* são aquelas que evocam discursos que pertencem aos encadeamentos que constituem suas argumentações interna e externa. As *palavras ferramentas* adquirem seu sentido na relação com outros discursos que não estão ligados a ela.

Ducrot (2005, p.62) afirma que há um vínculo entre enunciados e entidades semânticas, e esse vínculo pode ser tanto interno quanto externo. Para isso, as noções de argumentação interna (AI) e argumentação externa (AE) serão apresentadas. Começamos com a AE. A argumentação externa de uma entidade lingüística *e* são os encadeamentos em que *e* pode ser a origem, ou o fim. A entidade lingüística forma parte dos encadeamentos externos que a descrevem. As AE podem ser à direita ou à esquerda. Se a entidade lingüística é o aporte, temos a AE à esquerda; se a entidade lingüística é o suporte, fala-se da AE à direita. A argumentação externa pode ser tanto contextual quanto estrutural. As AE estruturais são aquelas que, previstas pela língua, formam parte da significação lingüística. No caso de prudente temos: *prudente DC segurança* ou *prudente PT neg-segurança*. A AE contextual depende de cada situação discursiva. A AE contextual de prudente poderia ser *prudente DC merece confiança*, ou *prudente PT não merece confiança*.

A argumentação interna descreve uma entidade lingüística, mas essa entidade não faz parte do encadeamento que a descreve. A argumentação interna é constituída por encadeamentos que servem para parafrasear a palavra. Recém mencionamos que o quadrado argumentativo pode ter uma palavra em cada ângulo. Para os quatro ângulos mencionamos, *prudente*, *temeroso*, *imprudente* e *não temeroso*, a descrição que temos

para cada uma dessas entidades são suas argumentações internas. Um aspecto interessante quanto à formação das argumentações internas é a respeito da impossibilidade de termos aspectos conversos. Se encontramos um aspecto X CON Y como AI de uma palavra, não se encontrará na sua AI o aspecto converso X CON' neg-Y. Se a AI de prudente é *perigo DC precaução*, o seu aspecto converso *perigo PT neg-precaução* forma a AI de outra palavra, *imprudente*. É possível encontrar na AI dois aspectos recíprocos, *perigo DC precaução* e *neg-perigo DC neg-precaução*, já não se pode encontrar na AE aspectos recíprocos, pois, assim, definiriam a negação da entidade lingüística.

As palavras da língua podem exercer algumas funções conforme o seu uso. Elas estão divididas em palavras *plenas* e palavras *ferramentas*, conforme já mencionamos. Retomando, as palavras *plenas* são aquelas às quais é possível atribuir uma argumentação interna e uma argumentação externa. Quanto às palavras *ferramentas*, elas se subdividem em *conectores*, *articuladores* e *operadores*. Os *conectores* são os elementos que fazem a relação dos segmentos dos encadeamentos. Eles podem ser de dois tipos, normativos ou transgressivos, representados por DC e PT. Os *articuladores* têm como função comparar as argumentações que constituem o sentido dos segmentos que os precedem ou os que seguem. Já os *operadores* são elementos Y aos quais aplicada uma palavra X constroem um sintagma XY, sendo que seu sentido é composto apenas pelas palavras plenas da AI e da AE de X. Os *operadores* são constituídos por duas subclasses, os *internalizadores* e os *modificadores*. O *modificador* é uma palavra gramatical Y que, associada a uma palavra X, forma o sintagma XY, cuja AI é constituída unicamente pelas palavras plenas contidas na AI de X (CAREL; DUCROT, 2005, p. 167). O modificador não atribui novo sentido à AI da palavra à que está ligado, somente reorganiza seus constituintes por meio de combinações com conectores e negação. Os *internalizadores* são elementos Y que se ligam a palavras X e integram a sua AI aspectos da AE de Y. Tanto os *modificadores* quanto os *internalizadores* aparentam acrescentar uma espécie de gradualidade ao termo ao qual são aplicados. Os *modificadores* podem ser realizantes ou desrealizantes, já os *internalizadores* podem ser classificados em transgressivos e normativos.

Daremos início, na nova seção, à descrição da Polifonia à luz da Teoria dos Blocos Semânticos.

1.2.3 A Polifonia pela TBS

Como a polifonia faz parte da ANL, e a ANL sofreu reformulações, a noção de polifonia também foi revisitada. Anteriormente, ao colocar em cena os enunciadores, a relação do L com os enunciadores era de identificação, aprovação ou oposição. Pela TBS, o locutor tem duas tarefas quanto aos enunciadores: de assimilação e de atitude.

A primeira tarefa é assimilar os enunciadores a um personagem. Em alguns casos a assimilação pode ser atribuída a um ser determinado, em outros, a seres indeterminados. Ducrot e Carel (2005, p.07) trazem como exemplos:

- (1) *Eu me sinto cansado.*
- (2) *Segundo meu médico, estou cansado.*
- (3) *As pessoas que pensam sabem que p.*
- (4) *Parece que fará bom tempo amanhã.*

Em (1) e (2), os enunciadores são assimilados a seres determinados, sendo (1) assimilado ao próprio locutor, é do L a origem dos pontos de vista; em (2) temos a posição do médico. Embora se fale do cansaço de L, o sentido de cansaço é diferente: um é o cansaço visto pelo locutor, e outro é visto sob outro aspecto, o do médico. Já em (3) e (4) não é possível identificar os personagens, eles são indeterminados. Poderia haver uma objeção em (3) ao dizer que os enunciadores são assimilados a pessoas. Mas quem são essas pessoas? Não é possível identificar. Em (4), o L expressa seu ponto de vista a respeito do tempo, mas não é possível identificar quem autorizou o L a dar sua opinião, de quem são as vozes que subjazem ao enunciado do L.

A segunda tarefa do locutor é posicionar-se frente aos enunciadores: assumir, concordar ou opor-se. Quando o L assume um enunciador, ele impõe seu ponto de vista no enunciado, ou seja, L impõe o ponto de vista do enunciador enquanto ponto de vista da personagem à qual o enunciador é assimilado. Retomamos (1) como exemplo. Além de assimilar ao próprio locutor a origem do ponto de vista, na enunciação, o L impõe ao interlocutor o cansaço que ele sente. Caso o locutor concorde com os enunciadores, ele não pode discordar deles ao longo de sua enunciação. É o caso da pressuposição. *Pedro parou de fumar* possui dois enunciadores, sendo (E1) o pressuposto, e (E2) o posto.

Pedro parou de fumar

(E1) Pedro fumava antes.

(E2) Pedro não fuma agora.

O locutor concorda com E1 e assume E2. Como dissemos, o L não pode opor-se a E2, caso contrário, o enunciado não teria mais sentido. Seria como: *Pedro parou de fumar, quer dizer, ele nunca fumou*. Somente o interlocutor poderia opor-se a E1, mas haveria uma quebra no diálogo. Se, ao invés de concordar com os enunciadores, o locutor opõe-se a eles, L não poderá assumir ou concordar com os enunciadores posteriormente. Aqui, ocorre o contrário do caso da concordância.

Ducrot e Carel, apesar de não terem verificado, abrem a possibilidade de combinar qualquer tipo de assimilação com qualquer forma de atitude. Pode acontecer de o locutor assumir um ponto de vista e não assimilá-lo a si mesmo. Em (4), *parece que fará bom tempo*, o enunciador é assimilado a outro que não o locutor, mas não o proíbe de impor seu ponto de vista referente ao tempo. No caso da auto-ironia, o locutor apresenta suas opiniões, mas distancia-se delas, ou seja, ao mesmo tempo em que o locutor assimila o enunciador, ele se recusa a assumi-lo. Seria como *essa é minha opinião, mas ninguém é obrigado a compartilhá-la*.

Sob a perspectiva da TBS, a polifonia descreve a pressuposição e a negação. Pela TBS é possível modificar descrições polifônicas que não são argumentativas. Ducrot renuncia a qualquer descrição não lingüística. Ele parte da idéia saussuriana de que o significado não é nem uma coisa nem uma idéia. Na polifonia, não se pode relacionar a natureza dos enunciadores à noção pragmática de ato ilocutório, de forças ilocutórias. Lingüisticamente, trata-se de encadeamentos argumentativos, seqüência de enunciados ligados por um conector, introduzidos no discurso pelo enunciador.

Na polifonia, a argumentação interna e a argumentação externa são mantidas. Lembrando, a AE tem como parte do encadeamento a própria expressão. Se a expressão é o suporte do encadeamento, temos a AE à direita; no caso da expressão ser um aporte, temos a AE à esquerda. Nos exemplos que abordaremos, há sempre dois encadeamentos para cada AE, sendo um normativo e outro transgressivo. Lingüisticamente, sempre que temos um encadeamento normativo, temos um transgressivo, pois a norma e a transgressão são evocadas simultaneamente. No exemplo de *João foi prudente*, temos

AE à direita: (a) João foi prudente portanto não teve acidente.

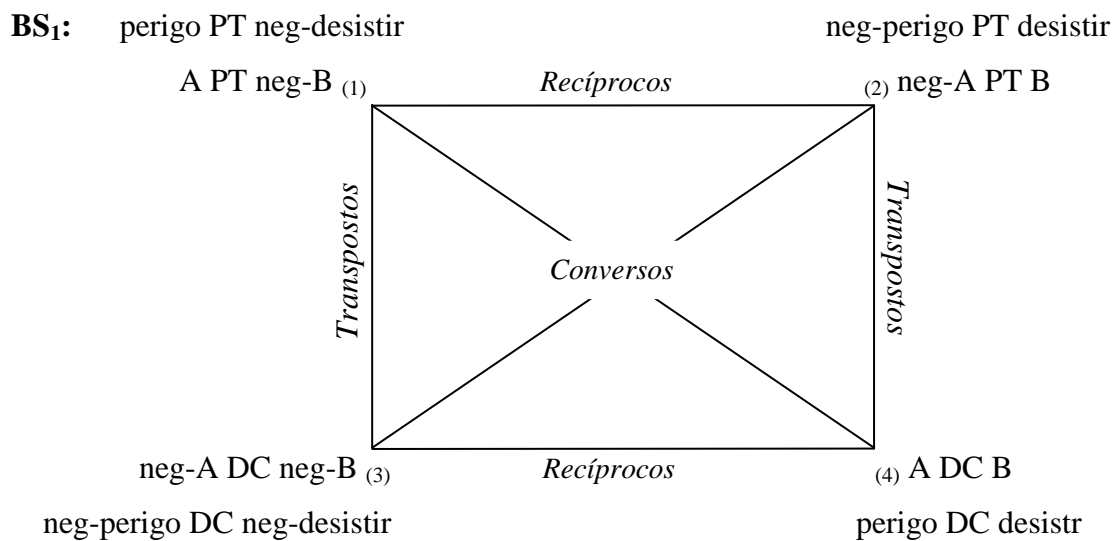
(b) João foi prudente, no entanto teve acidente.

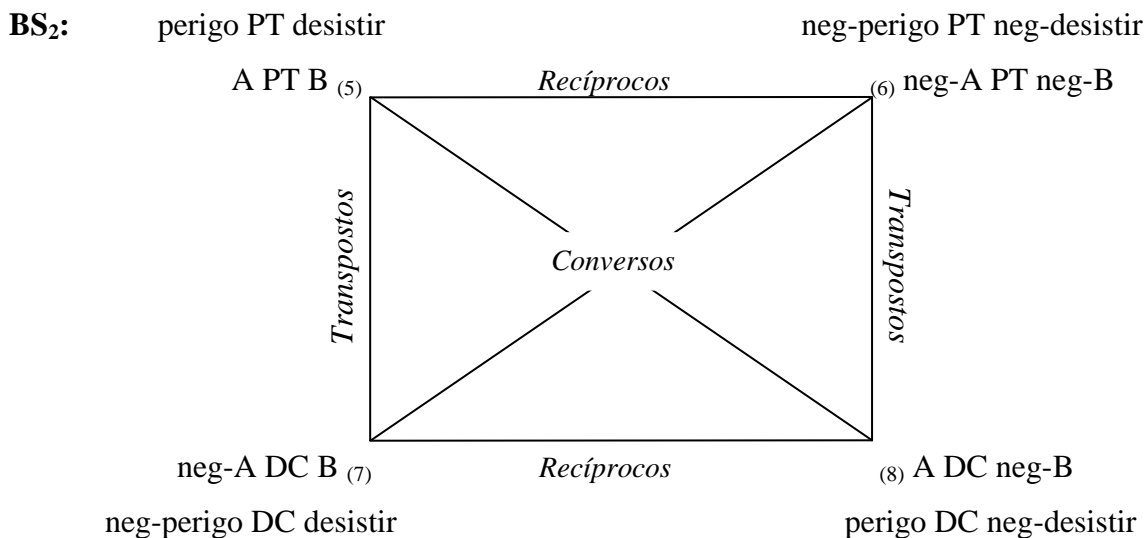
AE à esquerda: (a) João foi prevenido do perigo, portanto foi prudente.

(b) João não foi prevenido do perigo, no entanto foi prudente.

Para demonstrar a permanência da argumentação interna na polifonia sob a perspectiva da TBS trazemos o exemplo de *prudente*. Como AI de prudente, temos *perigo DC precaução*. Levou-se a colocar no interior da AI encadeamentos evocados. Quando temos o encadeamento *havia perigo, portanto João tomou precauções*, é evocado o encadeamento *a situação não era sem perigo, então João tomou diversas precauções*.

Na descrição polifônica, no caso da negação, por exemplo, pode-se ver que um aspecto evoca outro. Num enunciado, a parte positiva evoca três enunciadores. Do mesmo modo, a parte negativa evoca também três enunciadores. Tomamos por exemplo o suporte *ser uma ação perigosa* e o aporte *desistir de agir*, encadeados normativamente ou transgressivamente. Assim, os encadeamentos podem ser reagrupados em oito aspectos, em dois blocos semânticos de quatro aspectos. O bloco semântico 1 e o bloco semântico 2 são contrários. Um estimula a desistência, e o outro, a ação.





Pelo quadrado argumentativo é possível explicar polifonicamente a AI de um enunciado negativo, como *João não foi prudente*. Um enunciado negativo faz alusão a um enunciador positivo e um negativo.

(E1) *João foi prudente*

(E2) *João não foi prudente*

Nesse caso, o locutor assume o E2 e se opõe ao E1. Assim, o locutor opõe-se ao aspecto *perigo DC desistir*, e assume o aspecto converso transgressivo, *perigo PT neg-desistir*. Os dois aspectos pertencem ao mesmo bloco, desse modo, ambos têm o mesmo sentido. Um aspecto ser normativo e outro transgressivo não significa terem sentidos opostos; é justamente essa relação norma/transgressão que estabelece um sentido único do bloco: perigo que conduz à desistência. Cabe ao locutor assumir a norma ou a transgressão na enunciação.

Com relação à pressuposição, a TBS traz importantes modificações. Anteriormente, Ducrot estabeleceu que a pressuposição poderia ser de três tipos: descrições definidas, estruturas proposicionais factitivas e construções sintáticas que indicam a continuação ou a cessação de um estado. Das três, somente a descrição definida será mantida. Vejamos como funcionavam os dois tipos de pressuposição rechaçados, além de ver como se pode resolver os casos pela TBS.

O primeiro é referente às estruturas factitivas. Nesse caso, o enunciado *João sabe que p* tem como pressuposto *é verdade que p*, como posto, *João acredita que p*. Só será usado *se p* se estiver fundamentado na verdade de *p*. Não se pode ter o sentido

de *João sabe que p* se o enunciado for separado em dois enunciadores. A TBS coloca *p* é verdadeiro DC *X pensa que p* como argumentação interna do enunciado, não separando em posto e pressuposto. É a interdependência entre aporte e suporte que produz sentido.

No caso de verbos que indicam sucessão de estados, há novamente a rejeição da divisão dos enunciadores em pressuposto e posto. Em *João continua a fumar*, tinha-se o pressuposto *João fumava* e o posto *João fuma*. Ao falar de estado, Ducrot afirma que a realidade presente é uma continuação da realidade passada. Pela TBS, a argumentação interna do enunciado é *ter fumado* DC *fumar*, tornando assim pressuposto e posto interdependentes semanticamente.

Dissemos que o pressuposto é mantido nas descrições definidas. A pressuposição só é mantida pela negação, pelo efeito da negação sobre a AI de uma expressão. Na AI de uma expressão negativa os encadeamentos são conversos àqueles expressos na expressão positiva. Se temos para *João é prudente* o aspecto *perigo* DC *desistência*, temos para *João não é prudente* o aspecto converso *perigo* PT *neg-desistência*. Na descrição da negação, a AI é constituída de encadeamentos em que o suporte é o que se chamava de pressuposto, e o aporte é o que se chamava de posto. Nesta teoria, a negação é vista pela sua oposição a encadeamentos positivos. No enunciado negativo, faz-se alusão a um enunciador do enunciado positivo correspondente.

Fato importante sobre a polifonia é que ela só acontece na enunciação. É o locutor que coloca em cena enunciadores. A frase contém instruções que permitem a construção do sentido polifônico de um enunciado.

De forma prática, Ducrot e Carel apresentam a descrição do enunciado negativo (p') *João não foi prudente*. Para tanto, iniciamos a análise pela significação da frase positiva P. Para a significação de P é necessário levantar os aspectos correspondentes às AE (direta e esquerda) e AI, além de seus encadeamentos. Como a AE se dá sempre em pares, temos na AE à direita dois aspectos conversos:

(AEd1) *João foi prudente, portanto saiu em segurança.* / **prudência DC segurança**

(AEd2) *João foi prudente, no entanto não saiu em segurança.* / **prudência PT neg-segurança**

Já na AE à esquerda, temos dois aspectos transpostos:

(AEe1) *João tinha sido prevenido, portanto foi prudente.* / **ser prevenido DC prudente**

(AEe2) *João não tinha sido prevenido, no entanto foi prudente.* / **Neg-prevenido PT prudente**

Para esta abordagem, utilizaremos como AI da frase o aspecto:

(AI) **perigo DC desistir**

Depois de ver a AE e a AI da frase, partimos para a análise do enunciado *p*. Para *p*, levantamos três enunciadores:

E1 – *João foi prudente, portanto saiu em segurança.* / **prudente DC segurança**

E2 – *João tinha sido prevenido, portanto foi prudente.* / **ser prevenido DC prudente**

E3 – *houve perigo, portanto tomou-se precaução.* / **perigo DC precaução**

Os enunciadores foram levantados da seguinte maneira. O E1 exprime um dos dois aspectos conversos da AE à direita de P e evoca o encadeamento que o particulariza. Para E2 deve ser feito o mesmo de E1 em relação à AE à esquerda de P. Já para E3, expressa-se o aspecto da AI e evoca o encadeamento que representa esse aspecto.

Passamos à descrição do enunciado negativo *p'*, *João não foi prudente*. Lembramos que os enunciados negativos fazem alusão aos enunciadores dos enunciados positivos *p*. Além disso, outros três enunciadores são levantados. Vamos expor somente os enunciadores negativos, uma vez que os positivos já foram expostos. Os enunciadores são levantados da seguinte forma: E'1 tem o aspecto e os encadeamentos recíprocos do enunciador positivo E1; E'2 é o ponto de vista recíproco do enunciador positivo E2; E'3 expressa o aspecto converso de E3. Assim, temos:

E'1: *João não foi prudente, portanto não saiu em segurança.* / **neg-prudente DC neg-segurança**

E'2: *João não tinha sido prevenido, portanto não foi prudente.* **neg-ser prevenido DC neg-prudente**

E'3: *Houve perigo, no entanto não se tomou precaução.* **perigo PT neg-precaução**

Precisamos definir a relação do locutor frente aos enunciadores. O locutor recusa os enunciadores positivos E1, E2 e E3, e assume os enunciadores negativos E'1, E'2 e E'3, ou ao menos concorda com eles.

A polifonia não está pronta, ao contrário, os lingüistas apontam pesquisas que podem ser realizadas para estudar a negação. Deve-se confrontar a língua ao discurso. Os conceitos abordados na polifonia só existem na transformação da língua em discurso.

Após a explanação da fundamentação teórica de nossa pesquisa, passamos para um novo capítulo em que serão apresentadas a metodologia desenvolvida para analisar discursos, as quatro análises desenvolvidas, e a discussão dos resultados.

2 METODOLOGIA E ANÁLISE

2.1 METODOLOGIA

Até o presente momento, seguimos uma linha de pensamento: primeiramente, os nossos objetivos e as questões que norteiam este estudo foram apresentados na seção de introdução. Em seguida, mostramos que, para alcançar nossos objetivos, esta pesquisa tem forte base teórica, pois se embasa na Teoria da Argumentação na Língua, teoria essa construída sob bases enunciativas e saussurianas. Os objetivos e a fundamentação teórica são muito importantes para o desenvolvimento de um trabalho, mas só se chegará a respostas às questões norteadoras se dados forem analisados, neste caso, os dados serão discursos. Assim, para alcançarmos os objetivos desta pesquisa, analisaremos discursos à luz da Teoria da Argumentação na Língua, na sua terceira forma, a Teoria dos Blocos Semânticos.

Os discursos que compõem o *corpus* foram escolhidos baseados no objetivo de obter diferentes formas de verificar a imagem do alocutário no discurso. Por isso, não nos detivemos em nenhum gênero discursivo especificamente, embora haja duas tiras. Ressaltamos que a presente pesquisa é de caráter qualitativo, ou seja, o que nos importa é mostrar a possibilidade de identificar a imagem que o locutor tem de seu alocutário no discurso, não importando a quantidade de vezes que isso pode ocorrer. Com isso, foram selecionados quatro discursos: duas tiras, um texto manifesto e uma crônica.

Apresentaremos as análises da seguinte forma: os dois primeiros discursos são classificados como sendo do gênero tira, duas tiras de *Hagar, o horrível*; o terceiro e o quarto discurso são longos, um manifesto, *Faz de conta que hoje é dia do professor*, e uma crônica de Luís Fernando Veríssimo, *A aliança*. Optamos por expor as análises das tiras por dois motivos: primeiro para mostrar que a imagem do alocutário pode ser construída de formas diferentes sendo os discursos do mesmo gênero discursivo, pois o importante são os recursos utilizados pelo locutor no uso da língua, e segundo, para apresentar as análises de forma gradual de acordo com sua extensão, primeiro, análises mais curtas, depois, mais extensas. Ressaltamos que a extensão da análise ou do discurso não significa maior importância na nossa pesquisa.

Como a ANL não fornece um modelo pronto e fixo para análise, desenvolvemos nosso próprio roteiro. Nosso guia de análise é o seguinte:

- a – ver quantos locutores há no discurso;
- b – verificar se há reversibilidade;
- c – identificar os locutores e alocutários, caso necessário;
- d – transformar os enunciados em encadeamentos semânticos e analisá-los;
- e- apontar o modo como a imagem do alocutário é apresentada na relação locutor-alocutário

Como cada discurso é impar, com suas peculiaridades, pode acontecer de as etapas acima estabelecidas não serem seguidas fielmente. Queremos extrair dos discursos o melhor, e se nos detivermos em analisar de acordo com molde específico, podemos perder elementos essenciais. Não é essa nossa intenção. Por isso, para algumas análises será necessário utilizar a Teoria Polifônica da Enunciação, e para outras não. É o lingüístico que guiará nossa busca das “ferramentas teóricas” necessárias para as análises.

2.2 ANÁLISES DOS DISCURSOS

2.2.1 Análise 1: Menino Viking



O discurso presente na tirinha é apresentado por somente um locutor, que se dirige ao mesmo alocutário. Assim, temos só a opinião de um *eu* sobre um *tu*, não havendo reversibilidade no discurso. Para realizar a análise, aplicaremos conceitos da Polifonia – à luz da Teoria dos Blocos Semânticos.

No primeiro enunciado, o locutor deixa claro que o seu alocutário é diferente de outros meninos vikings. No segundo, o locutor enumera características do alocutário. No terceiro e último, o locutor se posiciona frente ao seu alocutário. É interessante notar que, em cada um dos enunciados, o locutor coloca em cena dois enunciadores, sendo um sempre o aspecto converso do outro:

Você não é como os outros meninos vikings

E1: ser viking PT neg-ser igual aos vikings

E2: ser viking DC ser igual aos vikings

Você é gentil, educado, polido

E1: ser viking PT ser gentil, educado e polido

E2: ser viking DC neg-ser gentil, educado e polido

Mas eu gosto de você assim mesmo!

E1: ser um menino gentil, educado e polido PT gostar do menino

E2: ser um menino gentil, educado e polido DC neg-gostar do menino

O segmento 1 dos encadeamentos do primeiro enunciado diz que o alocutário é um viking. Não há no discurso nenhum enunciado indicando explicitamente que o alocutário é um viking. Nossa afirmação advém do uso da negação, do artigo definido *os* e da palavra *outros*. Para mostrar a importância da palavra *outros* na definição do alocutário como um viking apresentamos uma comparação de enunciados com e sem *outros*. Imaginemos o enunciado sem a palavra *outros*: *você não é como os meninos vikings*. Com esse enunciado não se pode dizer que o alocutário é viking, ao contrário, o locutor distancia o alocutário do grupo dos meninos vikings. Já em *você não é como os outros meninos vikings* é possível afirmar que o alocutário é um viking.

Outro aspecto importante que percebemos na análise é que todos os enunciadores 2 apresentam a norma, sendo os E1 transgressivos. Com relação aos enunciadores, o locutor concorda com os E2 e os assimila a outro, que nos arriscamos em dizer que é à sociedade viking, e assume os enunciadores 1 assimilando a si mesmo, que são aspectos conversos do mesmo bloco.

Ao utilizar enunciados polifônicos, o locutor constrói a imagem de seu alocutário contrastando-o com uma norma, a da sociedade viking. O ponto de vista do locutor que aponta a imagem do alocutário é sempre exposto pelos enunciadores 1 dos dois primeiros enunciados:

ser viking PT neg-ser igual aos vikings

ser viking PT ser gentil, educado e polido

Poder-se-ia dizer que está lingüisticamente expressa a imagem que o *eu* faz do *tu* ao caracterizá-lo como gentil, educado e polido, no entanto, ao aplicarmos conceitos polifônicos no discurso, percebemos mais do que isso. O locutor descreve implicitamente a imagem de menino viking ao evocar os E2s:

ser viking DC ser igual aos vikings

ser viking DC neg-ser gentil, educado e polido

ser um menino gentil, educado e polido DC neg-gostar do menino

Além de colocar em cena os dois enunciadores, no último enunciado o locutor se posiciona frente a um alocutário viking que é diferente de outros vikings. Ao posicionar-se, o locutor marca-se no discurso. Introduzindo seu enunciado por meio do *mas*, o locutor se apresenta também como sendo diferente de outros vikings, pois transgredir a norma ao gostar de um viking gentil, educado e polido. O *mas* relaciona dois suportes que orientam para aportes distintos. Relacionando o enunciado três com o quatro, temos **você é gentil, educado, polido, mas gosto de você assim mesmo**. O *mas* relaciona os dois encadeamentos:

ser gentil, educado e polido DC neg-deveria gostar de você
ser gentil, educado e polido PT gostar de você

O locutor concorda com o primeiro encadeamento, mas posiciona-se contrário ao segundo segmento. O uso do *mas* se deve justamente por essa oposição à conclusão do primeiro encadeamento.

Para melhor visualizar como o *eu*, ao construir a imagem de seu *tu* por meio da descrição do *ele*, se marca no discurso, retomaremos os enunciadores evocados em cada enunciado. Iniciamos com os E2, com os quais o locutor concorda.

ser viking DC ser igual aos vikings
ser viking DC neg-ser gentil, educado e polido
ser um menino gentil, educado e polido DC neg-gostar do menino

Os E1s são aqueles que o locutor assume:

ser viking PT neg-ser igual aos vikings
ser viking PT ser gentil, educado e polido
ser um menino gentil, educado e polido PT gostar do menino

Ao assumir o aspecto converso da norma, o locutor apresenta-se também como diferente de um viking. Se os vikings não gostam de vikings gentis, educados e polidos e o locutor gosta, então o locutor não é viking como os outros vikings. O alocutário é diferente de outros vikings por não ser gentil, educado e polido, já o locutor é diferente dos vikings por gostar de alguém gentil, educado e polido.

Poder-se-ia pensar no início da análise que, sendo um discurso constituído somente de três enunciados proferidos pelo mesmo locutor, não havendo reversibilidade, o discurso não seria rico de elementos para analisar. Vimos o contrário. Os enunciados analisados pela Teoria Polifônica, à luz da TBS, fornecem elementos importantes que indicam a imagem que o *eu* faz do *tu*, a imagem que o *eu* faz dos vikings, além da sua própria imagem. A estratégia utilizada pelo locutor para indicar sua imagem do alocutário é a comparação do *tu* com um *ele*, comparação possível por meio da polifonia. Destacamos alguns elementos lingüísticos utilizados nessa comparação que permitem a construção da imagem do alocutário: a negação *não*, no primeiro enunciado, relacionada com *é*, além dos adjetivos. O *mas* presente no último enunciado marca a presença do locutor no discurso, sendo possível construir uma imagem do *eu* diferente de outros vikings, *ser viking PT neg-ser igual aos vikings*. Vemos que o humor da tira advém da imagem que o L faz dos vikings, imagem esta apresentada polifonicamente, e sua posição sendo uma transgressão à norma viking.

2.2.2 Análise 2: Hagar e Helga



No discurso acima, há dois locutores e dois alocutários. Como o discurso da tira é um diálogo, há reversibilidade no discurso, ou seja, em uma enunciação, o *eu* enuncia a um *tu*; na enunciação seguinte, o *tu* se enuncia como *eu* que se dirige ao *tu*, antes o *eu*. Assim, para melhor identificar os locutores e alocutários, utilizaremos as siglas LHa (locutor Hagar), LHe (locutor Helga), AHa (alocutário Hagar) e AHe (alocutário Helga). Enfatizamos que a identificação dos locutores e alocutários tem somente função de distinção na análise, não estamos nos referindo a sujeitos empíricos.

Como nosso objetivo é mostrar que, ao enunciar, o locutor deixa marcada a imagem que ele faz de si próprio e do seu alocutário no discurso, analisar somente um trecho do discurso acima não daria conta desse objetivo. Ao longo da análise de todo o discurso, mostraremos a imagem que o LHa tem de AHe, além de como essa imagem é construída pelo locutor.

O primeiro enunciado tem um conteúdo implícito de que alguém bateu à porta. Isso é possível de verificar pela pergunta de LHe, **Quem bateu na porta?**. Temos como argumentação interna ao enunciado

Não saber quem bateu à porta DC querer saber

O AHa não responde diretamente, ao contrário ele faz outra pergunta, **você está a fim de visitas hoje?**, com a seguinte AI:

Neg-saber se o alocutário quer receber visitas DC perguntar

O LHe, antes alocutário, responde imediatamente ao AHa que não quer visitas. Assim, tem-se a AI do enunciado:

Estar exausta e com sono DC neg-querer receber visitas

Após o posicionamento do LHe de não querer receber visitas por estar cansado e com sono, o LHa marca sua posição frente ao alocutário, mostrando que a imagem que o locutor tinha de seu alocutário era:

*Sabia que o alocutário estava exausto, com sono e não queria receber visitas
DC disse isso à visitante*

A imagem que o *eu* tem do *tu* está fortemente marcada pelo tempo verbal do enunciado. Os verbos *ser* e *dizer* conjugados no pretérito perfeito, *foi o que eu disse a ela*, indicam algo que já aconteceu, confirmando que o locutor tinha uma imagem prévia de seu alocutário, imagem essa exposta lingüisticamente pelo próprio alocutário. Além disso, esse enunciado nos faz voltar ao segundo, **você está a fim de visitas hoje?**, e reformular o seu sentido. A nova AI ao enunciado é expressa pelo aspecto transposto.

Neg-saber se o alocutário quer receber visitas DC perguntar

Saber que o alocutário não quer receber visitas PT perguntar

Dando continuidade à análise do discurso, o LHe questiona o AHa novamente a respeito da pessoa que bateu à porta: **ela quem?**

Ainda não saber quem bateu à porta DC querer saber

O LHa responde à pergunta, afirmando que a visitante era a mãe de AHe. No encadeamento que construímos acima, utilizamos a palavra *ainda* para demonstrar que, embora a pergunta tenha sido feita uma vez, ainda não havia uma resposta. Ou seja, embora o primeiro enunciado do diálogo seja a respeito de quem bateu à porta, somente no sexto enunciado o AHe tem uma resposta. Quando se faz uma pergunta, espera-se uma resposta imediata, o que não acontece no primeiro enunciado. O fato de a resposta do primeiro enunciado se dar somente no sexto e último quadrinho dá o humor à tira,

pois o LHa utiliza-se da argumentação de AHe para justificar o não recebimento da visita da sogra. Com esta estratégia, o LHa faz com que AHe seja responsável pela dispensa da visita de sua mãe.

Com esta análise, verificamos que a imagem do *tu* que o LHa apresenta é *estar exausta e com sono DC neg-querer receber visitas*. E a estratégia utilizada pelo LHa, aquela que aponta a imagem que o *eu* tem do *tu*, é fazer o *tu* apresentar linguisticamente seu argumento para não receber visitas, e apropriar-se de seu argumento como justificativa para sua atitude. Pela polifonia, é possível identificar o humor da tira. Embora seja a imagem acima que o locutor apresenta de seu alocutário para o seu próprio alocutário, não é essa a imagem implícita que LHa faz de AHe, mas *estar exausta e com sono PT querer receber visitas*. Sabemos que os dois personagens, Hagar e Helga, são locutores e alocutários em diferentes enunciações. Entretanto, analisamos somente a imagem do alocutário Helga, por não conseguir identificar linguisticamente a imagem do alocutário Hagar construída por LHe.

Fica evidente nesta análise que não podemos somente verificar a imagem que o *eu* faz do *tu* nesse discurso sem levar em consideração que o *eu* também se marca. A estratégia que o LHa apresenta para responder à pergunta de AHe mostra a imagem de um locutor esperto. O LHa engana o seu alocutário, fazendo com que AHe dê argumentos para a dispensa de qualquer visita. A pergunta feita pelo LHa no segundo enunciado, **você está a fim de visitas hoje?**, ao invés de uma resposta para o primeiro enunciado, **quem bateu na porta?**, não tem o sentido de que o locutor não sabe se o alocutário quer receber visitas. Ao contrário, se relacionarmos o segundo enunciado ao quarto, percebemos que o LHa já sabe a resposta de sua pergunta. Para melhor explicar a relação do segundo, **você está a fim de visitas hoje?**, com o quarto enunciado, **foi o que eu disse a ela**, na construção da imagem do locutor e, conseqüentemente do alocutário, mudaremos o tempo verbal dos verbos no enunciado quatro. Iniciamos mostrando os encadeamentos semânticos dos enunciados dois, três e quatro sem mudanças:

Você está a fim de visitas hoje?

Saber se o alocutário quer receber visitas PT perguntar

Não! Estou exausta e com sono!

Estar exausta e com sono DC neg-querer receber visitas

Foi o que eu **disse** a ela.

Sabia, antes de fazer a pergunta, que o alocutário estava exausto, com sono e não queria receber visitas DC disse isso à visitante

De acordo com os encadeamentos acima, percebemos que o locutor se marca ao utilizar os verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo, **foi** e **disse**. Assim, o *eu* se serve do conhecimento prévio que tem do *tu* para justificar o fato de não querer a visita da sogra. E essa estratégia utilizada pelo *eu*, produz o humor na tira.

Mudando os verbos para o presente e o futuro do presente do indicativo temos:

Você está a fim de visitas hoje?

Neg-saber se o alocutário quer receber visitas DC perguntar

Não! Estou exausta e com sono!

Estar exausta e com sono DC neg-querer receber visitas

É o que eu **direi** a ela.

Saber que alocutário está exausto, com sono e não quer receber visitas DC dizer isso à visitante

Se o locutor utilizasse *é* e *direi*, ele continuaria se marcando no mesmo enunciado, mas a imagem que ele projetaria de si seria de um *eu* preocupado em saber se o *tu* gostaria de receber visitas. Com certeza, nesse caso, a continuação do discurso seria diferente e poderia não haver mais humor na tira. Além disso, não seria possível verificar qual seria a imagem que o *eu* faz do *tu*.

Com essa reflexão, concluímos que a presença do *eu* e a projeção que o *eu* faz do *tu* no discurso se dão por meio da estratégia de fazer uma pergunta ao alocutário já sabendo a resposta, e estão lingüisticamente explicitadas pelo tempo dos verbos no enunciado quatro.

2.2.3 Análise 3 – Faz de conta que hoje é dia do professor

Faz de conta que hoje é o dia do professor.



Faz de conta que o professor é a pessoa mais importante do mundo e por isso recebe o reconhecimento de todos.

Faz de conta que é heróica sua missão e por isso tem seu esforço justamente recompensado.

Faz de conta que a formação do Brasil de amanhã é de sua responsabilidade e por isso lhe são dadas condições de preparar-se convenientemente.

Faz de conta que as escolas são autênticas

casas de educação e por isso são exemplares suas condições de trabalho.

Faz de conta que é de fácil acesso seu material de apoio e por isso suas aulas são de altíssimo nível.

Faz de conta que seus alunos são muito bem nutridos e por isso assimilam imediatamente todas as lições.

Faz de conta que a educação é fundamental e por isso reconhecida como prioritária no desenvolvimento nacional.

Faz de conta que

estamos todos muito felizes e por isso hoje é o Dia do Professor.

Aos professores, no nosso dia, ainda sem amargura, o fraterno abraço da realidade.

**CENTRO DOS
PROFESSORES
DO ESTADO
DO RIO GRANDE
DO SUL**

Semana do Professor.

A HORA É AGORA

A presença de elementos linguísticos, como *você* e *seu*, não são suficientes para indicar o alocutário-alvo, o alocutário imaginado pelo locutor em seu discurso. O alocutário não pode ser identificado somente por uma palavra, ele é construído ao longo do discurso. Mostraremos que os enunciados 10 (Aos professores, no nosso dia, ainda sem amargura, o fraterno abraço da realidade) e 11 (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul) somente apontam lingüisticamente o *tu* e o *eu*, *professores* e

Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul. Pela TBS e pela Polifonia à luz da TBS, descreveremos o alocutário-professor imaginado por L, além de resgatar a subjetividade de L. Ressaltamos que há somente um locutor no discurso, não havendo reversibilidade.

Por uma questão didática e prática, o discurso não será analisado como um todo, mas em partes. Para cada enunciado que constitui o discurso, serão levantados os enunciadores necessários para a compreensão do sentido do discurso e que serão importantes na construção da imagem do locutor e do alocutário.

Como a expressão *faz de conta* está presente em todos os enunciados do discurso, começamos pela sua argumentação interna, que será levada em consideração ao longo da análise. Para AI de *faz de conta*, apresentamos dois aspectos recíprocos

não ser PT ser

ser PT neg- ser

O primeiro enunciado a ser analisado é o título do discurso, ***Faz de conta que hoje é o dia do professor***. A análise deste enunciado será um pouco diferente da análise dos enunciados posteriores, mas mostrará a estrutura utilizada em praticamente todo o discurso. Dizemos que é diferente pelo seguinte motivo. Relembrando a seção em que discorreremos sobre a Teoria dos Blocos Semânticos, vimos que o encadeamento argumentativo de um enunciado é composto de dois segmentos relacionados por um conector, A CON B. No caso de *Faz de conta que hoje é dia do professor*, temos somente um segmento, não conseguindo formar um encadeamento argumentativo. No entanto, o termo *faz de conta* é um marcador de polifonia. Com isso, conseguimos identificar os seguintes enunciadores

Enunciado 1: *Faz de conta que hoje é o dia do professor*.

E1: hoje é o dia do professor

E2: hoje não é o dia do professor

Aqui, o locutor assume e assimila a si próprio o E1. Em relação ao E2, o locutor assimila-o a outro, opondo-se a esse ponto de vista.

Passamos agora à análise do segundo enunciado do discurso.

Enunciado 2: *Faz de conta que o professor é a pessoa mais importante do mundo e por isso recebe o reconhecimento de todos.*

E1: ser a pessoa mais importante do mundo DC receber o reconhecimento de todos.

E2: neg-ser a pessoa mais importante do mundo DC neg-receber o reconhecimento de todos.

E3: ser a pessoa mais importante do mundo PT neg-receber reconhecimento de todos.

É possível identificar três enunciadores para o enunciado acima. O ponto de vista, apresentado pelo E1, é assumido pelo L e assimilado a si mesmo, mostrando sua própria imagem. Em relação ao E2, o L assimila a outro e opõe-se a esse ponto de vista. O locutor também assimila a si mesmo e assume o E3, *ser a pessoa mais importante do mundo PT neg-receber reconhecimento de todos*. Com esse enunciador, é possível verificar a posição do locutor frente ao ponto de vista do outro, expresso pelo E2. O E1, de aspecto A DC B, se relaciona de forma recíproca com E2, NEG-A DC NEG-B. A relação de E1 e E3 (A PT NEG-B) é de conversão. Já E2 e E3 são transpostos.

As análises dos enunciados 3, 4 e 5 são semelhantes à análise do enunciado 2. Vejamos o motivo.

Enunciado 3: *Faz de conta que é heróica sua missão e por isso tem seu esforço justamente recompensado.*

E1: missão heróica DC esforço justamente recompensado

E2: neg- missão heróica DC neg-esforço recompensado

E3: missão heróica PT neg-esforço justamente recompensado

No enunciado polifônico apresentado pelo L, os pontos de vista expressos pelos enunciadores 1 e 3 são assimilados ao locutor e assumidos por ele, apresentando sua opinião sobre si próprio em E1, e sua opinião frente à opinião de outro em E3. O enunciador 2 é assimilado a um outro, e o locutor se opõe a ele. Com o E2, percebemos a opinião de outro a respeito do locutor. O aspecto expresso pelo E1 se relaciona de forma recíproca com o de E2, e conversa com o de E3. Já E2 e E3 são transpostos.

Enunciado 4: *Faz de conta que a formação do Brasil de amanhã é de sua responsabilidade e por isso lhe são dadas condições de preparar-se convenientemente.*

E1: ser responsável pela formação do Brasil de amanhã DC receber condições de preparar-se convenientemente.

E2: neg-ser responsável pela formação do Brasil de amanhã DC neg-receber condições de preparar-se convenientemente.

E3: ser responsável pela formação do Brasil de amanhã PT neg-receber condições de preparar-se convenientemente.

Dos três enunciadores identificados no enunciado polifônico apresentado pelo locutor, somente um não apresenta o ponto de vista do L, o E2. O locutor assimila a si e impõe seu ponto de vista ao assumir os enunciadores 1 e 3. Com o E1, podemos ver a imagem que o locutor faz de si mesmo; com o E3, vemos o ponto de vista do L oposto ao ponto de vista assimilado ao outro, o E2. O E2 é assimilado a outro e o locutor se opõe a ele. Os aspectos expressos pelos enunciadores se relacionam da seguinte forma: E1 (A DC B) e E2 (NEG-A DC NEG-B) são recíprocos; E1 (A DC B) e E3 (A PT NEG-B) são conversos, E2 (NEG-A DC NEG-B) e E3 (A PT NEG-B) são transpostos.

Enunciado 5: *Faz de conta que as escolas são autênticas casas de educação e por isso são exemplares suas condições de trabalho*

E1: ser autênticas casas de educação DC ter exemplares condições de trabalho

E2: neg-ser autênticas casas de educação DC neg-ter exemplares condições de trabalho

E3: ser autênticas casas de educação PT neg-ter exemplares condições de trabalho

Do enunciado 5, identificamos três enunciadores. O ponto de vista expresso por E1 é assumido pelo locutor e assimilado a ele mesmo, apresentando sua própria imagem. Também é possível identificar outro ponto de vista assumido pelo L, o E3. O locutor se opõe a E3 e assimila-o a outro. Os enunciadores 1 e 2 apresentam aspectos recíprocos, A DC B e NEG-A DC NEG-B. Os aspectos de E1 e E3 se relacionam de forma conversa, e os aspectos de E2 e E3 são transpostos.

A partir dos enunciados seguintes, percebemos que há uma quebra na linearidade da análise do discurso. Dizemos que a linearidade é rompida por não ser possível identificar três enunciadores e o locutor não intervém da mesma forma que intervinha nos enunciados anteriores. No entanto, os próximos dois enunciados são lineares entre si. Começamos mostrando a análise do enunciado 6.

O sexto enunciado é o seguinte:

Enunciado 6: *Faz de conta que é de fácil acesso seu material de apoio e por isso suas aulas são de altíssimo nível.*

E1: fácil acessibilidade a materiais de apoio DC aulas de altíssimo nível

E2: neg- fácil acessibilidade a materiais de apoio DC neg-aulas de altíssimo nível

O E1 identificado no enunciado 6 é assumido pelo locutor e assimilado a ele mesmo.. Consideramos que o locutor também assume o E2. No E1, o ponto de vista do L apresenta sua própria imagem; em E2, o locutor apresenta seu ponto de vista referente à realidade.. Os dois enunciadores se relacionam de forma recíproca.

O enunciado 7 também apresenta somente dois enunciadores.

Enunciado 7: *Faz de conta que seus alunos são muito bem nutridos e por isso assimilam imediatamente todas as lições.*

E1: alunos muito bem nutridos DC fácil assimilação das lições

E2: neg-alunos muito bem nutridos DC neg-fácil assimilação das lições

Os dois enunciadores, E1 e E2, são assumidos pelo locutor e assimilados a si próprio. No entanto, ambos apresentam pontos de vista diferente, o primeiro é referente à imagem que o L faz de si mesmo, e o segundo é referente à realidade da educação. E1 (A DC B) e E2 (NEG-A DC NEG-B) são recíprocos.

No enunciado 8, voltamos a identificar três enunciadores.

Enunciado 8: *Faz de conta que a educação é fundamental e por isso reconhecida como prioritária no desenvolvimento nacional.*

E1: ser fundamental a educação DC ser prioritária no desenvolvimento nacional

E2: neg-ser fundamental a educação DC neg-ser prioritária no desenvolvimento nacional

E3: ser fundamental a educação PT neg-ser prioritária no desenvolvimento nacional

O ponto de vista expresso pelo primeiro enunciador é assumido pelo locutor. O mesmo ocorre com E3, ou seja, o enunciador é assumido pelo locutor e assimilado a si

mesmo. É o E2 que apresenta o ponto de vista de outro, ponto de vista que o L se opõe. A relação de E1 e E2 é recíproca. E1 se relaciona de forma conversiva com E3 e, E2 e E3 são transpostos.

O enunciado 9 também apresenta três enunciadores.

Enunciado 9: *Faz de conta que estamos todos muito felizes e por isso hoje é o Dia do Professor.*

E1: estar feliz DC ser o Dia do Professor

E2: neg-estar feliz DC neg-ser o Dia do Professor

E3: neg-estar feliz PT ser o Dia do Professor

O locutor assimila E1 a si mesmo e assume-o. O mesmo ocorre com E3. O enunciador que o locutor se opõe e assimila a outro é o E2. E1 e E2 são recíprocos; E1 e E3 são transpostos; E2 e E3 são conversos.

Além de poder identificar os enunciadores e a relação do locutor com eles, é a partir do enunciado 9 que podemos descobrir a imagem que o locutor faz do seu alocutário. A primeira evidência que temos é o verbo *estar* conjugado no presente do indicativo, *estamos*. Sabendo que *estamos* é o verbo conjugado na primeira pessoa do plural, *nós*, e que *nós* é o mesmo que *eu + você(s)*, resta descobrir quem o locutor insere em seu discurso. Para tanto, seguimos nossa análise com o enunciado 10.

Analisaremos de forma diferenciada o enunciado 10 por não acreditarmos ser possível fazer somente um encadeamento do enunciado. Assim, sua análise será feita por partes.

Enunciado 10: *Aos professores, no nosso dia, ainda sem amargura, o fraterno abraço da realidade.*

Trecho 1 – Aos professores, no nosso dia,

Encontramos aqui explicitamente marcado a quem o locutor se dirige, aos professores. Além disso, ao utilizar o pronome *nosso*, o L se identifica como um professor, assim como seu alocutário.

Trecho 2 – ainda sem amargura

Se não levássemos em conta a ironia presente neste trecho, poderíamos pensar em um encadeamento do tipo *neg-amargura agora PT amargura depois*. Mas, pela polifoniam para *sem amargura*, podemos identificar dois enunciadores:

E1: amargura

E2: não amargura

Podemos afirmar que, apesar do locutor apresentar o E2, o locutor assume o E1, opondo-se ao E2.

Trecho 3 – o fraterno abraço da realidade

Vamos nos deter na palavra *realidade*. Como analisamos, todos os enunciados do discurso são polifônicos. Conseguimos identificar que alguns enunciadores são assimilados pelo locutor e outros a seres indeterminados, chamados aqui de outro(s). Para podermos analisar e descrever a realidade abordada pelo locutor, vamos primeiro levar em consideração que, na maioria dos enunciados, o que é apresentado pelo locutor não é o ponto de vista que ele assume. É por meio de enunciadores rejeitados que L impõe seus pontos de vista. Com isso, acreditamos que o discurso é irônico. Acreditamos que a realidade apresentada pelo locutor é expressa pelos enunciadores 2. Damos destaque para um detalhe. Na maioria dos enunciados - 2, 3, 4, 5 e 8 - os E2 são rejeitados pelo locutor. Já em 6 e 7, o locutor assume os E2, ou seja, o ponto de vista do locutor é o mesmo que expressa a realidade.

neg-ser a pessoa mais importante do mundo DC neg-receber o reconhecimento de todos.

neg- missão heróica DC neg-esforço justamente recompensado

neg-ser responsável pela formação do Brasil de amanhã DC neg-receber condições de preparar-se convenientemente.

neg-ser autênticas casas de educação DC neg-ter exemplares condições de trabalho

neg- fácil acessibilidade a materiais de apoio DC neg-aulas de altíssimo nível

neg-alunos muito bem nutridos DC neg-fácil assimilação das lições

neg-ser fundamental a educação DC neg-ser prioritária no desenvolvimento nacional

neg-estar feliz DC neg-ser o Dia do Professor

Voltamos à questão do presente estudo, o modo como a imagem do alocutário é apresentada pelo locutor. Vimos que podemos recuperar a imagem do *tu* a partir do enunciado 9. Em 9, o L assume a primeira pessoa do plural não identificando quem é o *nós*. Relacionando os enunciados, descobrimos que em 10 o locutor institui como alocutário professores, além de se identificar como professor. Sabendo disso, consegue-se ver que quando o locutor enuncia *estamos*, ele se refere a si mesmo e a professores. O locutor insere seu alocutário no discurso.

Já sabemos que o alocutário é o professor. Chegando ao final da análise do discurso, faremos o caminho inverso para descobrir a imagem do alocutário. Por meio da análise polifônica do enunciado 9, identificamos que o alocutário, assim como o locutor, é um professor não feliz. Lembrando o enunciador que expressa o ponto de vista do locutor sobre a realidade, temos:

E2: neg-estar feliz PT ser o Dia do Professor

Para descobrirmos a imagem do próprio locutor, resgatamos os enunciadores 1 assumidos pelo L e que apresentam sua própria imagem. Além disso, sabendo que o L se assemelha ao seu alocutário, descobrimos que a imagem que o locutor projeta de si é a mesma do seu alocutário. Revendo os enunciadores, também descobrimos a justificativa da não felicidade de ambos. Assim, os pontos de vista que indicam a imagem que L faz de si e do A são:

*ser a pessoa mais importante do mundo DC receber reconhecimento de todos.
missão heróica DC esforço justamente recompensado
ser responsável pela formação do Brasil de amanhã DC receber condições de preparar-se convenientemente.
ser autênticas casas de educação DC ter exemplares condições de trabalho
fácil acessibilidade a materiais de apoio DC aulas de altíssimo nível
alunos muito bem nutridos DC fácil assimilação das lições
ser fundamental a educação DC ser prioritária no desenvolvimento nacional
estar feliz DC ser o Dia do Professor*

O locutor também assume outros enunciadores, os E3, mas não expressam sua imagem, somente são opiniões contrastadas ao ponto de vista do outro. Destacamos

algumas palavras que indicam o alocutário, *estamos, aos professores, nosso*. No entanto, podemos notar que essas palavras são pistas lingüísticas para a construção da imagem do alocutário, nesse caso, do locutor também. É necessário relacionar palavras com palavras e enunciados com enunciados para identificar a imagem que L tem de A.

Na análise de cada enunciado, mostramos a relação entre os enunciadores. Dizemos que há relações recíprocas, conversas e transpostas, mas ficou um questionamento sobre o que isso significa. Ducrot não define o significado de dois aspectos serem transpostos, recíprocos ou conversos, somente aponto suas diferenças quanto ao uso do conector e da negação. Neste discurso, percebemos que há uma semelhança entre os aspectos recíprocos e os transpostos. Nos enunciados em que os enunciadores se relacionam de forma recíproca, arriscamo-nos a dizer que essa relação indica uma defesa. Já os aspectos transpostos podem ser vistos como uma forma de protesto. Para uma melhor compreensão, trazemos um exemplo. No enunciado 2, que utiliza o termo polifônico *faz de conta*, **Faz de conta que o professor é a pessoa mais importante do mundo e por isso recebe o reconhecimento de todos**, o locutor apresenta um enunciador de aspecto neg-A DC neg-B, *neg-ser a pessoa mais importante DC neg-receber o reconhecimento de todos*. Em relação a essa opinião, o locutor assume um enunciador, de aspecto A DC B, como forma de defesa, um enunciador que se relaciona de forma recíproca. Frente a esse enunciador assimilado a outro, o locutor assume um enunciador de aspecto A PT neg-B. E2 e E3 se relacionam de forma transposta, indicando que o locutor, ao assumir o E3, está protestando contra o ponto de visto do outro, que expressa a realidade. Não é nosso objetivo estudar as relações entre os aspectos, mas não podíamos deixar de destacar nosso pensamento sobre essa ocorrência.

2.2.4 Análise 4: A Aliança

A aliança

Luis Fernando Veríssimo

- L1 Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a
L2 longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o apartheid, a situação na
L3 América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no
L4 terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu.
L5 Fictício, claro.
- L6 Ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um
L7 homem dos seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em
L8 Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como
L9 ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no
L10 meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o
L11 desafiavam no jângal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que
L12 provavelmente não funcionaria, resignação e reticências... Conseguiu fazer o macaco funcionar,
L13 ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o porta-malas quando a sua aliança escorregou
L14 pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem
L15 querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde
L16 desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar. Limpou as mãos o melhor que
L17 pôde, entrou no carro e seguiu para casa. Começou a pensar no que diria para a mulher. Imaginou a
L18 cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.
- L19 — Você não sabe o que me aconteceu!
L20 — O quê?
L21 — Uma coisa incrível.
L22 — O quê?
L23 — Contando ninguém acredita.
L24 — Conta!
L25 — Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?
L26 — Não.
L27 — Olhe.
L28 E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.
L29 — O que aconteceu?
L30 E ele contaria. Tudo, exatamente como acontecera. O macaco. O óleo. A aliança no asfalto. O chute
L31 involuntário. E a aliança voando para o bueiro e desaparecendo.
L32 — Que coisa - diria a mulher, calmamente.
L33 — Não é difícil de acreditar?
L34 — Não. É perfeitamente possível.
L35 — Pois é. Eu...
L36 — SEU CRETINO!
L37 — Meu bem...
L38 — Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei o que aconteceu com essa aliança. Você
L39 tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda
L40 tem a cara-de-pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.
L41 — Mas, meu bem...
L42 — Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma
L43 banheira redonda. Seu sem-vergonha!
L44 E ela sairia de casa, com as crianças, sem querer ouvir explicações.
L45 Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito. Por que essa cara? Nada,
L46 nada. E, finalmente:
L47 — Que fim levou a sua aliança? E ele disse:
L48 — Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se
L49 você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei.
L50 Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois
L51 reapareceu. Disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom-
L52 senso, a venceriam.

L53 — O mais importante é que você não mentiu pra mim.
L54 E foi tratar do jantar.

Seguindo nossa estratégia de análise, o presente discurso apresenta três locutores e três alocutários, havendo inversibilidade em duas enunciações: o locutor narrador (LN), o locutor marido (LM), o locutor esposa (LE), o alocutário leitor (AL), o alocutário marido (AM) e o alocutário esposa (AE). Este discurso se diferencia dos discursos analisados anteriormente, pois temos como hipótese a possibilidade de identificar uma imagem do alocutário na enunciação externa, e outras imagens nas duas enunciações internas. Chamamos de enunciação externa aquela em que há o locutor narrador (LN) dirigindo sua enunciação a um alocutário leitor (AL). Na enunciação do LN, há o que chamamos de enunciação interna, ou seja, dois diálogos entre os personagens marido e esposa. O primeiro diálogo é imaginado pelo personagem marido. Já o segundo, não é. Por uma questão prática e por ser um discurso extenso, optamos por numerar as linhas para melhor identificar os enunciados na análise.

Iniciamos nossa análise pela primeira enunciação interna, descrita nas linhas 17 a 44. Nas linhas 17 e 18, o LN descreve a situação da enunciação interna 1 da seguinte forma:

Começou a pensar no que diria para a mulher. Imaginou a cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.

Chamamos atenção para a parte do enunciado em que o marido responde a perguntas não feitas por ninguém.

Neg-ser perguntado PT responder

O encadeamento mostra que o diálogo inicia com uma transgressão à norma, *ser perguntado DC responder*. No entanto, o uso dessa estratégia faz com que o LM direcione as perguntas do AE. O enunciado **Você não sabe o que me aconteceu!** (1.19), que pode ser expresso pelo encadeamento de aspecto A PT NEG-B

Aconteceu algo comigo PT você não sabe o que aconteceu

desperta a curiosidade do alocutário esposa, direcionando sua pergunta, **o quê?**(1.20)

Aconteceu algo em t_0 DC querer saber em t_1

Os dois enunciados seguintes de LM, **uma coisa incrível** (1.21) e **contando ninguém acredita** (1.23), serão relacionados em um só encadeamento

L conta um acontecimento incrível DC A não acredita

Apesar de apresentar em seu discurso o enunciador acima de aspecto A DC neg-B, percebe-se que LM continua seu discurso contando a história incrível. Pela polifonia é possível identificar a presença de um enunciador de aspecto A PT B. Acreditamos que o enunciador que o locutor assume e assimila a si próprio é o de aspecto A PT B, pois assim se justifica o fato de o locutor contar um acontecimento inacreditável.

L conta um acontecimento incrível PT A acredita

O encadeamento do enunciado da linha 29, **o que aconteceu?**, foi realizado relacionando-o com os enunciados anteriores das linhas 25, 26, 27 e 28.

Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada? (1.25)

Não. (1.26)

Olhe. (1.27)

O que aconteceu? (1.28)

Dessa forma, do enunciado da linha 25 ao da linha 29, podemos concluir que

Neg-ver aliança no dedo do marido DC querer saber o que aconteceu

Ao enunciar **Não é difícil de acreditar?** (1.33), o locutor enfatiza novamente a dificuldade de se acreditar na história, embora seja verdade. Sem analisar profundamente, chamamos atenção à negação da pergunta. Percebemos que, geralmente, quando um locutor enuncia uma pergunta negativa, ele espera uma resposta afirmativa. Por exemplo, quando se está discutindo um assunto e se chega a uma conclusão, o locutor pode perguntar *Não é verdade?*. A resposta esperada é afirmativa.

Isso acontece com o enunciado em análise, mas com uma ressalva. Vejamos. Para o enunciado da linha 33, temos o seguinte encadeamento

perder aliança no asfalto DC neg-acreditar na história

No entanto, assim como anteriormente, é possível identificar por meio da polifonia um outro enunciador. Pensamos que é esse o enunciador, de aspecto A PT B, que o LM assume e assimila a si mesmo.

perder aliança no asfalto PT acreditar na história

A resposta dada pelo LE, antes AE, é irônica, **Não. É perfeitamente possível.**
(1.34)

perder aliança no asfalto DC acreditar

Afirmamos a ironia do enunciado de LE, pois, em seguida, chama seu alocutário de “cretino”. O adjetivo utilizado por LE reforça o pressuposto de que um enunciado irônico não é exposto por um enunciador que o locutor assume e assimila a si mesmo. Assim, pela polifonia, identificamos um enunciador de aspecto A PT neg-B como sendo o assumido pelo locutor.

perder aliança no asfalto PT neg-acreditar

Neste momento, das linhas 38 a 40 e da 42 a 44, podemos verificar algo muito interessante que não havia ocorrido em outras análises. Ao construir a imagem que LE faz de AM, LE também deixa pistas da imagem que LE pensa que AM faz de LE. Retomaremos os enunciados para melhor visualizar a análise.

“Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei o que aconteceu com essa aliança. Você tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda tem a cara-de-pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.”

“Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda. Seu sem-vergonha! E ela sairia de casa, com as crianças, sem querer ouvir explicações.”

Começamos mostrando a imagem que LE pensa que AM faz dela, de uma pessoa boba, palhaça e imbecil. As imagens de boba e palhaça estão expressas nas perguntas **está me achando com cara de boba? De palhaça?**(1.38). Apesar de os enunciados estarem em forma de pergunta, LE não espera uma resposta. Somente expressa o que pensa. A imagem de imbecil pode ser vista no trecho do enunciado **inventar uma história em que só um imbecil acreditaria** (1.40). **Em que só um imbecil acreditaria** mostra o ponto de vista de LE sobre a história que AM, enquanto LM, contou. Mas também podemos extrair da relação dos enunciados

me contar uma história em que só um imbecil acreditaria DC me considerar imbecil

Enfatizamos que não pretendemos estudar a pergunta, mas não podemos deixar de apontar um fato interessante na construção de sentido da pergunta da linha 38, **está me achando com cara de boba? De palhaça?**. Diferente da pergunta da linha 33 (**não é difícil de acreditar?**), em que há uma negação na pergunta e que se espera um *sim* como resposta, o questionamento feito não contém nenhum elemento de negação, mas orienta para uma resposta negativa. Como recém mostramos, embora a pergunta oriente uma resposta negativa, a resposta não é dada, e LE expõe sua opinião da imagem que o alocutário marido faz dela.

Passamos à imagem que LE faz de AM. As marcas lingüísticas mais claras são os termos *cretino*, *cara-de-pau* e *sem-vergonha*. Ao apresentar seu ponto de vista sobre a perda da aliança, LE demonstra a imagem que faz de AM, imagem de alguém que

chegou em casa tarde sem aliança DC deixou a aliança no motel onde fez um programa

mentir sobre a perda da aliança DC ser sem-vergonha, cretino, cara-de-pau

Vamos recuperar a construção das imagens nesse diálogo. Por ser uma situação imaginada, LM cria a imagem de AE ao apresentar o que AE pensa de LM. Além disso, na imagem que AE, enquanto LE, tem de AM, antes LM, é possível identificar a

imagem que LE supõe que AM tem de LE. Falta vermos qual é a imagem que LM faz de AE no “suposto” diálogo. Essa imagem é marcada no enunciado [...] **tem a cara-de-pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.** (1.40), em que AE, naquele momento LE, apresenta seu ponto de vista a respeito da história que ouviu.

Perder aliança no bueiro DC história incrível

Ouvir história incrível DC neg-acreditar

Passamos agora à segunda enunciação interna. Pode-se perceber que a estratégia utilizada pelo personagem marido ao chegar em casa é oposta à da situação imaginada. No diálogo imaginado, LM respondia a perguntas que não tinham sido feitas, conduzindo as perguntas de AE. Aqui, **ele chegou em casa sem dizer nada** (1.45)

chegar em casa tarde e sem aliança DC não dizer nada

É a personagem esposa quem faz perguntas para o marido: **Por que o atraso?**(1.45)

Neg-saber o motivo do atraso DC querer saber

A resposta dada, **muito trânsito** (1 45), pode ser encadeada da seguinte forma:

haver muito trânsito DC chegar atrasado

Para a pergunta que LE faz a AM, **Que fim levou a sua aliança?** (1 46), pergunta crucial para o desenvolvimento do diálogo, temos o seguinte encadeamento:

neg-ver aliança no dedo do marido DC querer saber o que aconteceu

Percebe-se que a imagem que o locutor marido construiu do locutário esposa no diálogo imaginário influencia na resposta dada.

Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei.

*Neg-estar com a aliança DC ter perdido em um motel ao fazer um programa
Ter feito programa com outra DC ter o casamento terminado
Ter o casamento terminado PT aceitar o fim do casamento*

O ponto de vista da personagem esposa não é expresso por ela enquanto locutora de um enunciado, mas pelo narrador, **disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom-senso, a venceriam (1.51,52)**. Embora o enunciado não seja proferido pela personagem, conseguimos verificar que o ponto de vista da personagem esposa em relação ao fim do casamento é apresentado pelo aspecto converso ao do personagem marido.

ter feito programa com outra PT neg- terminar o casamento

Para o último enunciado de LE, **o mais importante é que você não mentiu pra mim**, temos o seguinte encadeamento

*Dizer que perdeu aliança no motel DC dizer a verdade
verdade DC importante no casamento*

Daremos mais ênfase nas imagens que LM faz de AE, pois os dois diálogos que compõem o discurso baseiam-se na imagem da AE construída pelo LM. As imagens se constroem pela concepção de verdade para cada um. Para LM, verdade é

*Contar como perdeu a aliança DC contar uma história incrível
Contar uma história incrível DC dizer a verdade
Dizer a verdade DC neg-acabar o casamento*

Para LE,

*Contar uma história incrível DC neg-dizer a verdade
Neg-dizer a verdade DC acabar o casamento
Dizer que perdeu aliança no motel ao fazer um programa DC dizer a verdade*

A imagem de AE suposta por LM é de que

Ouvir uma história incrível DC neg-acreditar
Chegar em casa tarde sem aliança DC ter deixado a aliança no motel
Neg-ouvir a verdade DC acabar o casamento

Dessa imagem fictícia, o LM tira a seguinte conclusão de como agir no diálogo “verdadeiro”. Se

dizer que perdeu a aliança no asfalto DC neg- dizer a verdade
neg-dizer a verdade DC acabar o casamento

e se,

chegar em casa tarde sem aliança DC ter deixado aliança no motel
dizer que deixou a aliança no motel DC dizer a verdade

então,

perder aliança DC ser verdade
ser verdade DC neg-acabar o casamento

É com essa imagem construída que LM dialoga com seu alocutário. E essa imagem se confirma, como já vemos anteriormente.

Podemos também afirmar que é possível identificar a imagem que o LM constrói de si. Podemos apresentar a imagem de um marido fiel à esposa pelos encadeamentos

Perder a aliança no bueiro DC história incrível
História incrível DC neg-acreditar
História difícil de acreditar PT verdade
Verdade DC contar

Já na segunda enunciação, LM, ao criar sua imagem de marido infiel, se marca como alguém que mente para não ter o fim do casamento.

Perder aliança DC perder no motel

Dizer que perdeu aliança no motel DC neg-dizer a verdade

Neg-ser verdade PT ser-acreditado

Deixamos para apresentar por último a relação do locutor narrador com o alocutário leitor porque o que chamamos de enunciação externa contém as enunciações internas, ou seja, o que o locutor narrador enuncia para o alocutário leitor é todo o discurso, inclusive com as enunciações internas.

No início do discurso, o LN diz que, embora o que ele contará seja uma história exemplar, não é possível saber qual é o exemplo e, por isso, as crianças não podem ter acesso a ela. Ao dizer que a história não é para crianças, fica claro que é para adultos.

história exemplar PT neg-exemplo

história exemplar PT neg-história para crianças

neg-história para crianças DC história para adultos

Depois de analisar as imagens dos alocutários nas duas enunciações internas, conseguimos também identificar qual é a história exemplar sem exemplo, e o porquê de não se dever apresentá-la às crianças.

Acreditamos que o sentido global da primeira e da segunda enunciações internas podem ser encadeados da seguinte maneira:

ser verdadeiro PT neg-acreditar

neg-ser verdadeiro PT acreditar

Os encadeamentos acima são representados pelos aspectos A PT neg-B e neg-A PT B, que se relacionam de forma recíproca. Chamamos atenção também para o título do livro em que o discurso se insere, *As mentiras que os homens contam*. O título do livro não faz parte do discurso, mas contribui para a apreensão de seu sentido. O bloco semântico *noção de verdade e noção de mentira*, mostrado acima, sintetiza o exemplo da história.

2.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, mostraremos, discutiremos e fundamentaremos os resultados obtidos nas análises dos quatro discursos acima realizadas. Esta retomada tem como objetivo apresentar os diferentes modos como a imagem do alocutário pode ser inscrita e construída lingüisticamente no discurso do locutor, partindo da amostragem individual dos resultados dos discursos, mostrando a relevância desta pesquisa nos estudos do uso da língua. Para tanto, esta seção será estruturada da seguinte maneira: abordagem resumida das peculiaridades de cada discurso analisado na seção anterior; fundamentação teórica dos resultados, e relevância dos resultados para os estudos da linguagem.

Iniciamos nosso percurso com a análise 1, Menino Viking. Todos os enunciados presentes nesse discurso são realizados pelo mesmo locutor, não havendo reversibilidade. Assim, conseguimos identificar somente o ponto de vista do locutor, já o do alocutário que, em outra enunciação se apresentaria como locutor, não. Vimos que, para identificar a imagem que o locutor tem de seu alocutário, bem como para compreender o sentido do discurso, é necessário levar em consideração o conceito de polifonia. Pela polifonia, é possível verificar que o locutor utiliza-se da *comparação* para construir a imagem do alocutário, além de deixar marcada a sua própria imagem.

Levantamos para cada enunciado dois enunciadores, conforme esquematizado abaixo.

Enunciado	Enunciador 1	Enunciador 2
Você não é como os outros meninos vikings.	<i>ser viking PT neg-ser igual aos vikings</i>	<i>ser viking DC ser igual aos vikings</i>
Você é gentil, educado e polido	<i>ser viking PT ser gentil, educado e polido</i>	<i>ser viking DC neg-ser gentil, educado e polido</i>
Mas eu gosto de você assim mesmo	<i>ser um menino gentil, educado e polido PT gostar do menino</i>	<i>ser um menino gentil, educado e polido DC neg-gostar do menino</i>

Os enunciadores 2 expressos por um conector normativo, não são assumidos pelo locutor, ou seja, não são pontos de vista do locutor. Os enunciadores que o locutor assume, impondo o seu ponto de vista e, conseqüentemente, apresentando a imagem que tem de seu alocutário e sua própria imagem, são os E1. Nos dois primeiros enunciados, é possível encontrar a imagem que o L tem do A.

ser viking PT neg-ser igual aos vikings

ser viking PT ser gentil, educado e polido

Após apresentar seu ponto de vista a respeito de A, L se marca frente a isso, deixando sua própria imagem construída no enunciado 3.

ser um menino gentil, educado e polido PT gostar do menino

Todos os enunciadores assumidos pelo locutor se caracterizam por serem transgressões à norma. Dessa forma, a imagem que L tem de A é uma transgressão, bem como sua auto-imagem.

Continuamos nossa discussão com o discurso 2, uma tira dos personagens Hagar e Helga. Nesse discurso, há dois locutores e dois alocutários, LHa, LHe, AHa e AHe. Embora haja dois alocutários, só conseguimos identificar lingüisticamente a imagem de AHe no discurso de LHa, além da própria imagem de LHa. Neste caso, temos uma imagem implícita e uma explícita. A imagem explícita de AHe que identificamos é *estar exausta e com sono DC neg-querer receber visitas*. Já a imagem implícita pode ser identificada pela polifonia e encadeada semanticamente pelo aspecto converso ao anterior, *estar exausta e com sono PT querer receber visitas*. O modo como a imagem foi construída é interessante, pois o LHa induz o alocutário a construir sua imagem e utiliza-se dela para justificar sua atitude de dispensar a mãe de AHe. Para isso, o locutor não responde à pergunta feita pelo seu alocutário, em outra enunciação locutor, ao contrário, faz outra pergunta. A imagem explícita fica evidente no enunciado **Foi o que eu disse a ela**. Os verbos *ser* e *dizer* conjugados no pretérito perfeito indicam o saber da imagem de cansada e com sono. Vimos também que se pode construir a imagem de LHa como alguém esperto que não quer receber a visitante. Dizemos que é esperto pela maneira como o discurso é conduzido por LHa, induzindo AHe a dar a resposta que

LHA espera, ou seja, que não quer receber visitas. Se relacionarmos os enunciados **Foi o que eu disse a ela e sua mãe**, conseguimos verificar a imagem de LHa

*imaginar que AHe não quer receber visitas DC dizer isso à visitante
dizer à visitante DC neg-receber visita*

Grande parte do discurso *Faz de conta que hoje é dia do professor* é constituído por enunciados que iniciam com a expressão lingüística *faz de conta que*. Mostramos que embora pareçam ter estrutura linear, não o têm. Com exceção de um enunciado, os outros foram analisados polifonicamente. Em alguns é possível identificar três enunciadores, em outros, somente dois. Os enunciadores são fundamentais na construção da imagem do alocutário e do próprio locutor. Precisamos chegar primeiro ao final do discurso, e depois retornar ao seu início para descobrir a imagem do *eu* e do *tu*. No enunciado 9, há a utilização da palavra *estamos* (**Faz de conta que estamos todos muito felizes e por isso hoje é o Dia do Professor**), e no enunciado 10, *nosso*. Essas duas palavras indicam que, ao enunciar, o locutor constrói a imagem do alocutário juntamente com a sua. No enunciado 10, **aos professores, no nosso dia, ainda sem amargura, o fraterno abraço da realidade**, o locutor estabelece explicitamente os professores como seus alocutários, além de também se identificar como um. Temos a palavra professor, mas, por meio da análise polifônica e da noção de relação, podemos identificar a imagem do professor, ou seja, do alocutário e do locutor. A polifonia é importante por poder identificar os outros pontos de vista presentes nos enunciados, ainda mais neste discurso irônico. Identificamos que o locutor assume dois enunciadores e se opõe a um. Os E1 são os assumidos pelo L que apresentam o ponto de vista de L sobre si mesmo e sobre o seu alocutário. Precisamos relacionar os pontos de vista expressos pelos enunciadores assumidos pelo locutor para apontar a imagem do *tu*. Assim, acreditamos que a imagem do alocutário e do próprio locutor é a relação dos seguintes pontos de vista

*ser a pessoa mais importante do mundo DC receber reconhecimento de todos.
missão heróica DC esforço justamente recompensado
ser responsável pela formação do Brasil de amanhã DC receber condições de preparar-se convenientemente.
ser autênticas casas de educação DC ter exemplares condições de trabalho*

fácil acessibilidade a materiais de apoio DC aulas de altíssimo nível
alunos muito bem nutridos DC fácil assimilação das lições
ser fundamental a educação DC ser prioritária no desenvolvimento nacional
estar feliz DC ser o Dia do Professor

É a relação dos pontos de vista subjacentes ao enunciado que denunciam as imagens do alocutário e do próprio locutor.

Quanto à análise 4, *A aliança*, consideramos a mais complexa por haver duas enunciações, que denominamos de interna e externa. A enunciação externa é aquela em que o locutor-narrador (LN) enuncia ao alocutário-leitor (AL), e que contém as internas, aquelas em que há um diálogo entre outros dois locutores (LM, LE) e outros dois alocutários (AM, AE). Começamos apontando a identificação da imagem do AL. Sustentamos nossa afirmação de o alocutário ser um adulto no enunciado das linhas 1 e 2, **esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer forma, mantenha-a longe das crianças**, do qual extraímos o seguinte sentido

história exemplar PT neg-exemplo

história exemplar PT neg-história para crianças

neg-história para crianças DC história para adultos e adolescentes

Das enunciações internas foi possível extrair duas informações importantes: as imagens dos alocutários e dos locutores, e a história exemplar, sem saber o exemplo, que o LN transmite ao AL. Os dois diálogos se desenrolam em torno das noções de verdade e mentira para os locutores e alocutários, noções essas que são as mensagens transmitidas pelo LN ao AL.

Algo muito interessante e que difere dos discursos anteriores é a relação entre diferentes imagens de alocutários que constitui a imagem que o LM tem de AE. Na primeira enunciação interna, a construção da imagem se dá da seguinte forma: há a imagem que LM tem de AE, a que buscamos. Dentro dessa imagem, podemos identificar enunciados que indicam a imagem que LE tem de AM, além de enunciados que LE acredita que AM pensa de LE. A imagem à qual LM chega, ao final da primeira enunciação, servirá de suporte, base para a segunda enunciação interna.

Começamos pela imagem geral que LM tem de AE na primeira enunciação, imagem de alguém que não acredita na verdade.

contar a verdade PT neg-acreditar

Essa imagem só é identificada depois de apresentar a imagem que LE tem de AM. Ao enunciar o seu ponto de vista, LE utiliza palavras como *cretino*, *cara-de-pau* e *sem-vergonha*. Essas palavras podem ser consideradas pistas da imagem de AM, e estão nos enunciados das linhas 38 a 40 e 42 a 44. Na análise desses enunciados, conseguimos encontrar os seguintes encadeamentos que expressam o que LE pensa de AM.

chegou em casa tarde sem aliança DC deixou a aliança no motel onde fez um programa

mentir sobre a perda da aliança DC ser sem-vergonha, cretino, cara-de-pau

Para a segunda enunciação, que chamamos de “verdadeira”, o locutor marido inicia o diálogo baseado na imagem construída de AE no diálogo fictício, *contar a verdade PT neg-acreditar*, que se originou da imagem que LE fez de AM. A imagem que LM construiu de AE na primeira enunciação se confirma ao AE acreditar em uma mentira, e isso pode ser visto no enunciado **o mais importante é que você não mentiu pra mim**. Percebemos que o locutor marido conduz o diálogo de formas distintas nas duas enunciações internas. Na primeira, o locutor começa explicando por que chegou atrasado, enfatiza em seus enunciados a dificuldade de se acreditar no que aconteceu com ele, mas conta a verdade. Já na segunda, ele não se explica, quando é questionado dá respostas curtas, e conta uma mentira.

Depois de ter percorrido esse trajeto, queremos mostrar o que as imagens dos alocutários e dos locutores e as diferentes maneiras de apresentá-las no discurso podem contribuir para estudos da linguagem. Para tanto, retomaremos dois conceitos importantes da ANL. Como já dissemos, a Teoria da Argumentação na Língua se sustenta sob pilares saussureanos e enunciativos. Alguns conceitos foram mantidos, mas outros foram revistos, por exemplo, *relação* e *enunciação*. Falando de forma metafórica, ambos os conceitos serão como fios que costurarão nossas análises a fim de chegarmos a um resultado. A enunciação na ANL é o surgimento do enunciado em diferentes pontos do tempo e do espaço, produzidos por um locutor a um alocutário. A enunciação deve ser levada em consideração no sentido do enunciado, pois o sentido,

como é mostrado pelas análises, é uma imagem do evento histórico constituído pelo aparecimento do enunciado. Esse conceito é essencial para este trabalho simplesmente porque sem enunciação não há locutor, e sendo o alocutário determinado pelo locutor, não haverá alocutário, nosso objeto de estudo. Se o enunciado surge em um determinado tempo e espaço, produzido por um locutor a um alocutário, e se o sentido do enunciado é a representação da enunciação, então, pensamos ser possível identificar no discurso o ponto de vista do locutor em relação ao seu alocutário.

A relação também é importante na construção de sentido. Para a ANL, o sentido do enunciado depende de seu uso, não havendo assim um sentido literal. Um enunciado não é uma sucessão de palavras isoladas, nem o discurso uma seqüência de enunciados isolados. As palavras se relacionam entre si no enunciado, assim como os enunciados se relacionam no discurso. Veremos agora que a noção de relação neste estudo não se dá somente entre palavras e enunciados, mas entre locutor e alocutário, entre diferentes enunciações e entre imagens.

No discurso 1, Menino Viking, a imagem do alocutário é construída pela comparação. No prefácio do livro *O Intervalo Semântico*, de Carlos Vogt, Ducrot afirma que o objetivo da comparação é a relação. O lingüista diz que é necessário se informar sobre dois objetos, tomados individualmente, e estabelecer a relação que têm entre si. Neste caso, o locutor não apresenta um enunciado falando de características de vikings, características do seu alocutário para depois ver a relação entre ambos. A maneira como ocorre a comparação é polifônica, pois há um outro ponto de vista subjacente ao enunciado apresentado pelo locutor. Assim, ao demonstrar seu ponto de vista a respeito do alocutário, o locutor descreve um *outro*, um *ele*. As duas imagens que encontramos são apresentadas da mesma forma, tanto a do alocutário quanto a do próprio locutor.

Para o segundo discurso ressaltamos o que Ducrot diz sobre a importância de relacionar os enunciados para a compreensão de sentido do discurso. Se um discurso é composto por quatro enunciados, é preciso relacionar o sentido do primeiro enunciado, E1, com o sentido do segundo enunciado, E2. Os sentidos de E1 e de E2 também influenciarão no sentido de E3, e assim sucessivamente (DUCROT, 1984, p.377). Por que é necessário compreender essa relação entre enunciados? Só se entenderá o porquê da não resposta imediata ao primeiro enunciado, que é uma pergunta, a partir do quarto enunciado. Vimos também que há duas imagens que LHa faz de AHe, uma que é apresentada lingüisticamente, e a outra é implícita, uma relação entre duas imagens que

o LHa faz de AHe, uma implícita e uma explícita, *estar exausta e com sono DC neg-querer receber visitas e estar exausta e com sono PT querer receber visitas*. É da relação entre as duas imagens que entendemos o humor do discurso e a imagem de LHa como alguém não querendo a visita da sogra. Neste discurso, destacamos o tempo verbal como um aspecto muito importante na construção da imagem do AHe. Contrastamos dois enunciados com o tempo verbal modificado, e vimos a importância de o verbo estar conjugado no pretérito perfeito, **Foi** o que eu **disse** a ela. Ao enunciar o verbo no passado, o LHa assume que já tinha uma imagem de AHe, e que é a mesma que LHe apresenta de si mesmo.

A mesma noção de que o sentido de um enunciado se relaciona com os sentidos de outros enunciados vale para o discurso *Faz de conta que hoje é dia do professor*. No entanto, a maneira como a imagem do alocutário e do locutor é apresentada difere do segundo discurso. Ao ler o discurso, tem-se a primeira impressão de que o locutor está expondo seu ponto de vista a respeito de um ele de forma irônica. Até este ponto, é necessário relacionar os enunciados e as atitudes do locutor frente aos pontos de vista subjacentes aos enunciados. Ao chegar ao final do discurso, compreende-se que os enunciados anteriores não são somente pontos de vista sobre um ele, mas também pontos de vista do locutor sobre o alocutário e sobre si mesmo. É necessário, então, voltar ao início do discurso e construir as imagens de ambos, locutor e alocutário. A relação do locutor com o alocutário é a mesma em todas as enunciações, pois L dirige seu discurso a um alocutário. No entanto, neste caso, o locutor constrói a sua própria imagem juntamente com a imagem de seu alocutário, as imagens se confundem em uma só. Além de identificar a imagem do alocutário e do locutor, destacamos algo importante sobre a relação entre aspectos recíprocos e transpostos. Dissemos que o locutor apresenta sua imagem e a imagem que faz de seu alocutário ao assumir os E1. No entanto, também é possível encontrar outros dois pontos de vista subjacente ao enunciado. Os enunciadores 2, neg-A DC neg-B, representam o ponto de vista do outro em relação à educação, ao professor. Os E3 apresentam o ponto de vista do locutor frente ao ponto de vista do outro. Pensamos que a relação recíproca entre E1 e E2 aponta para uma defesa do ponto de vista do locutor. Quando a relação entre E 2 e E3 é transposta, identificamos uma forma de protesto do locutor.

No último discurso analisado, algo novo foi encontrado, a construção da imagem do alocutário resulta da relação de duas imagens distintas, a que LE faz de AM, e a que LE pensa que AM tem de LE. É claro que a relação entre enunciado, palavras e a

relação do locutor com os enunciadores em enunciados polifônicos são importantes para a construção de sentido e da identificação da imagem do alocutário. No entanto, daremos mais destaque ao que encontramos de diferente, a relação de imagens.

Antes de falar propriamente da relação das imagens, vale ressaltar a relação dos sentidos das duas enunciações internas com a enunciação externa. Como já dito, conseguimos identificar lingüisticamente que o AL não é uma criança. O sentido do discurso que o LN transmite ao AL será compreendido somente se relacionar as duas enunciações internas, e o sentido resultante de ambas relacionado com a enunciação externa.

Voltando às enunciações internas, no primeiro diálogo, o locutor marido chega a uma imagem final de AE de que, embora ele diga a verdade, o alocutário não acredita. O detalhe é que esta imagem é construída pela relação entre outras duas imagens formadas sob o ponto de vista do alocutário, enquanto locutor. LE apresenta em seus enunciados a imagem que faz de AM, além de demonstrar o que pensa que AM imagina de LE. É a relação de ambas que influenciará na imagem que LM faz de AE.

O que o locutor marido pensa do alocutário esposa na primeira enunciação interna orientará seus discurso frente à AE. Se dizer a verdade conduz ao rompimento do casamento, então dizer uma mentira não leva ao fim da união. Tomando esse ponto de vista, o locutor marido também deixa sua imagem de não querer o fim do relacionamento.

Com as análises dos quatro discursos, vimos quatro modos distintos de como a imagem do alocutário pode ser apresentada pelo locutor, mas, em todos, a relação se faz presente: comparar o *tu* com um outro; induzir o alocutário a mostrar sua imagem e aproveitar-se dela; apresentar a imagem do alocutário sendo igual à sua de forma irônica, ou seja, a imagem de ambos é construída polifonicamente, pois os pontos de vista assumidos pelo locutor não são explícitos, mas implícitos; relacionar imagens de alocutários diferentes produzidas por locutores diferentes.

Percebeu-se também que, nas quatro análises, ao apresentar a imagem do tu, o eu automaticamente deixa marcas da sua própria imagem. Temos consciência de que não podemos generalizar dizendo que ocorre o mesmo em todos os discursos, pois quatro discursos é pouco comparado à infinidade de enunciações. Sabemos que deve haver muitas formas diferentes de se apresentar a imagem do alocutário, mas queremos enfatizar que o nosso objetivo foi o de mostrar que é possível analisar a imagem do

alocutário no discurso e, por meio de quatro análises, conseguimos encontrar quatro formas diferentes de apresentar a imagem que o locutor faz do seu alocutário.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, propomo-nos a mostrar que é possível identificar lingüisticamente a quem o locutor remete a sua fala. Para tanto, utilizamos a Teoria da Argumentação na Língua, mais precisamente a Polifonia e a Teoria dos Blocos Semânticos, como base teórica para o desenvolvimento das análises. Esta pesquisa caracteriza-se por identificar o alocutário lingüisticamente, ou seja, ao fazer uso da língua, o locutor apresenta seu ponto de vista e deixa pistas lingüísticas do alocutário a quem se dirige. Por ser uma teoria que se ocupa do sentido construído puramente lingüístico, a ANL foi escolhida como fundamentação teórica.

O empenho em estudar o alocutário partiu especialmente da leitura da apresentação do livro *Polifonía y Argumentación* (1990), e do prefácio do livro de Carlos Vogt, *O Intervalo Semântico* (2009). Em ambos, Ducrot deixa claro seu ponto de vista sobre o papel do alocutário na enunciação. Podemos dizer resumidamente que, na enunciação, o alocutário não é somente aquele para quem o locutor enuncia algo, mas que o ponto de vista que o locutor apresentará vai depender de seu alocutário, porque, segundo Ducrot, o outro, o alocutário, constitui o locutor. Assim, a pesquisa já iniciou levando em consideração a noção de relação, a relação locutor-alocutário, além de, é claro, a relação entre palavras, entre enunciados, entre discursos.

Em nenhum momento estudamos o alocutário desvinculado do locutor, ao contrário, nosso estudo partiu do pressuposto de que o locutor é o centro da enunciação, e é no/pelo discurso do locutor que se pode identificar o alocutário para quem o locutor enuncia. A relação que vemos em locutor-alocutário é de que o locutor não pode ser um locutor isoladamente, ele só o é por estar em relação com o alocutário, e vice-versa.

Para poder analisar discursos e atingir os objetivos a que nos propusemos, iniciamos o estudo pela apresentação da fundamentação teórica. Foi nossa opção não apresentar somente a Teoria da Argumentação na Língua, mas suas bases: a Teoria de Saussure, e a Teoria Enunciativa de Benveniste. Primeiramente, foram abordados conceitos estruturalistas que influenciaram o desenvolvimento da ANL, tais como: *língua, fala, relação e valor*. Em seguida, conceitos enunciativos elaborados por Benveniste foram apresentados, mas nem todos os conceitos, somente aqueles que contribuíram e contribuem para a Semântica Argumentativa, principalmente o conceito de enunciação. Para terminar a apresentação dos alicerces da ANL, foi desenvolvida

uma subseção mostrando quais são as relações que se pode fazer entre a Teoria de Saussure, a Teoria Enunciativa e a Teoria da Argumentação na Língua. Para encerrar a seção de fundamentação teórica, a teoria que embasou a presente pesquisa foi abordada. A ANL passou por reformulações, no entanto, nem todas as fases foram apresentadas, somente a atual, a Teoria dos Blocos Semânticos, e a Polifonia à luz da TBS, pois foram as utilizadas aqui.

Como foi dito na seção sobre metodologia, não há um modelo pronto para análises de discursos sob uma perspectiva argumentativa, por isso, elaboramos um guia com aspectos importantes a serem vistos. O roteiro serviu de base na análise do *corpus* composto por quatro discursos, duas tiras de *Hagar, o horrível*, que chamamos de O Menino Viking, e Hagar e Helga, um texto manifesto intitulado *Faz de conta que hoje é o dia do professor*, e a crônica *A Aliança*, de Luís Fernando Veríssimo. Destacamos a complexidade de estudar o discurso, pois, embora a Teoria da Argumentação na Língua considere o discurso como uma seqüência de enunciados relacionados semanticamente, Ducrot estuda o sentido em enunciados.

Pensamos primeiramente em identificar elementos lingüísticos que pudessem ser marcas da imagem do alocutário. Vimos que há no discurso palavras que se destacam ao analisar a imagem do alocutário, que são “pistas lingüísticas”. Passamos então a investigar o contexto em que as “pistas” estão inseridas, e descobrimos o modo como o locutor apresenta a imagem que tem do *tu* no discurso. No primeiro discurso, *O Menino Viking*, descobrimos a comparação como “estratégia lingüística” utilizada pelo locutor. Na segunda análise, temos a indução e aproveitamento, pois o locutor induz o alocutário a dizer como está e aproveita-se do discurso como justificativa para seu ato. No terceiro discurso, a imagem do alocutário é igual à do locutor e são construídas juntas por meio de um discurso polifônico. No último discurso, encontraram-se diferentes imagens de alocutários e locutores, imagens essas que se relacionam influenciando na identificação das imagens dos alocutários que nos propusemos a analisar.

Foram encontradas quatro maneiras distintas de como a imagem do alocutário pode ser apresentada, mas todas possuem algo em comum, a *relação*. Como dissemos acima, o ponto de vista apresentado pelo locutor dependerá da relação com o seu alocutário, e o próprio discurso enunciado pelo locutor terá sentido se as suas argumentações estiverem em relação, ou seja, se as argumentações estiverem semanticamente interdependentes. Além disso, a imagem apresentada do alocutário será

construída relacionando imagens, relacionando a imagem do alocutário com a de um *outro*, um *ele*, relacionando discursos implícitos e explícitos.

Como analisamos somente quatro discursos, não podemos generalizar o fato lingüístico, ou seja, não podemos dizer que em todos os discursos há a imagem que o locutor faz de seu alocutário. Também não podemos afirmar que as quatro maneiras de apresentação da imagem do tu é comum de se encontrar, pois não analisamos outros discursos para verificar se são recorrentes ou não. Os quatro resultados que encontramos são respostas às questões norteadoras desta pesquisa, pois é possível sim identificar lingüisticamente a imagem do alocutário no discurso, imagens apresentadas de diferentes formas.

Para finalizar, ressaltamos que este estudo não apontou somente quatro modos de identificar o alocutário, mas corroborou o pressuposto de que o sentido é a representação da enunciação, que a enunciação se marca no enunciado, que o locutor se marca e marca o seu alocutário. Essa foi somente uma forma de estudar o que Ducrot diz sobre introduzir a enunciação no enunciado, e somente quatro formas de apresentação do alocutário. Assim, ficam abertas perspectivas para se estudar mais sobre a relação locutor-alocutário, isto é, a representação da enunciação no enunciado, bem como as relações conversas, recíprocas e transpostas entre diferentes aspectos.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

ANDERSEN, E. M. L. *O tu construído no discurso do eu: uma abordagem polifônico-discursiva da segunda pessoa*. Tese de Doutorado em Letras. Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

ARNOUX, E. N.; NEGRONI, M. M. G. *Homenaje a Oswald Ducrot*. Buenos Aires: Eudelba, 2004.

BARBISAN, L. B. A construção da argumentação no texto. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 135-147, set, 2002.

_____. O conceito de enunciação em Benveniste e Ducrot. *Revista Letras*. Santa Maria, n. 33, p. 25-35, jul/dez, 2006.

BENVENISTE, É. *Problemas de Lingüística Geral I*. Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão: Isaac Nicolau Salum. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Trad.: Eduardo Guimarães et al. Revisão: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BROWNE, D. *O melhor de Hagar o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

CAREL, M. Argumentação interna aos enunciados. Trad.: Leci Borges Barbisan. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 37, n. 3, p. 27-43, set. 2002.

_____. O que é argumentar? In: *Revista de Retórica y Teoría de la Comunicación*. Ano1, n.1, p. 75-80, jan.2001.

CAREL, M.; DUCROT, O. *La Semántica Argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*. Edición literaria a cargo de María Marta Garcia Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2005.

_____. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n.1, p. 7-18, jan./mar.2008 Tradução: Leci Borges Barbisan

DUCROT, O. Enunciação. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

_____. *O dizer e o dito*. Rev. téc. da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad Del Valle, 1990.

_____. Enunciación. In: DUCROT, O.; SCHAEFFER, JM. *Nuevo Diccionario Enciclopédico de las Ciencias del Lenguaje*. Edición española dirigida por Marta Tordesilhas. Madrid: Arrecife, 1998.

_____. A pragmática e o estudo semântico da língua. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.40, nº1, p.9-21, mar.2005.

_____. La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure?. In: SAUSSURE, L. *Nouveaux regards sur Saussure*. Genebra: Librairie Droz S.A., 2006.

_____. Prefácio. In: VOGT, C. *O Intervalo Semântico: (contribuição para uma teoria semântica argumentativa)*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial/Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

MELLER, J. *A subjetividade no discurso citado*. 62 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PLATÃO. *Sofista*. Os Pensadores [trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa]. 1ª ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1972.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. *Escritos de lingüística geral*. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

TASCETTO, T.R. *A presença do sujeito no discurso acadêmico: uma análise em projetos de pesquisa*. 160f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

VERÍSSIMO, L.F. *As mentiras que os homens contam*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

VOGT, C. De magis a mas: uma hipótese semântica. In: VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1989.

_____. *O Intervalo Semântico: (contribuição para uma teoria semântica argumentativa)*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial/Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ANEXO A – Menino Viking



ANEXO B – Hagar e Helga



ANEXO C – Faz de conta que hoje é Dia do Professor

Faz de conta que hoje é o dia do professor.



Faz de conta que o professor é a pessoa mais importante do mundo e por isso recebe o reconhecimento de todos.

Faz de conta que é heróica sua missão e por isso tem seu esforço justamente recompensado.

Faz de conta que a formação do Brasil de amanhã é de sua responsabilidade e por isso lhe são dadas condições de preparar-se convenientemente.

Faz de conta que as escolas são autênticas

casas de educação e por isso são exemplares suas condições de trabalho.

Faz de conta que é de fácil acesso seu material de apoio e por isso suas aulas são de altíssimo nível.

Faz de conta que seus alunos são muito bem nutridos e por isso assimilam imediatamente todas as lições.

Faz de conta que a educação é fundamental e por isso reconhecida como prioritária no desenvolvimento nacional.

Faz de conta que

estamos todos muito felizes e por isso hoje é o Dia do Professor.

Aos professores, no nosso dia, ainda sem amargura, o fraterno abraço da realidade.

**CENTRO DOS
PROFESSORES
DO ESTADO
DO RIO GRANDE
DO SUL**

Semana do Professor.

A HORA É AGORA

ANEXO D – A Aliança

- L1 Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a
L2 longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o apartheid, a situação na
L3 América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no
L4 terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu.
L5 Fictício, claro.
- L6 Ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um
L7 homem dos seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em
L8 Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como
L9 ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no
L10 meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o
L11 desafiavam no jângal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que
L12 provavelmente não funcionaria, resignação e reticências... Conseguiu fazer o macaco funcionar,
L13 ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o porta-malas quando a sua aliança escorregou
L14 pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem
L15 querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde
L16 desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar. Limpou as mãos o melhor que
L17 pôde, entrou no carro e seguiu para casa. Começou a pensar no que diria para a mulher. Imaginou a
L18 cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.
- L19 — Você não sabe o que me aconteceu!
L20 — O quê?
L21 — Uma coisa incrível.
L22 — O quê?
L23 — Contando ninguém acredita.
L24 — Conta!
L25 — Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?
L26 — Não.
L27 — Olhe.
- L28 E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.
L29 — O que aconteceu?
L30 E ele contaria. Tudo, exatamente como acontecera. O macaco. O óleo. A aliança no asfalto. O chute
L31 involuntário. E a aliança voando para o bueiro e desaparecendo.
- L32 — Que coisa - diria a mulher, calmamente.
L33 — Não é difícil de acreditar?
L34 — Não. É perfeitamente possível.
L35 — Pois é. Eu...
L36 — SEU CRETINO!
L37 — Meu bem...
- L38 — Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei o que aconteceu com essa aliança. Você
L39 tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda
L40 tem a cara-de-pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.
- L41 — Mas, meu bem...
L42 — Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma
L43 banheira redonda. Seu sem-vergonha!
- L44 E ela sairia de casa, com as crianças, sem querer ouvir explicações.
L45 Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito. Por que essa cara? Nada,
L46 nada. E, finalmente:
L47 — Que fim levou a sua aliança? E ele disse:
L48 — Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se
L49 você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei.
L50 Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois
L51 reapareceu. Disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom-
L52 senso, a venceriam.
L53 — O mais importante é que você não mentiu pra mim.
L54 E foi tratar do jantar.

CURRICULUM LATTES (Plataforma Lattes)

Érica Krachefski Nunes

Dados Pessoais

Nome Érica Krachefski Nunes
Nome em citações bibliográficas NUNES, É. K.
Sexo feminino

Filiação José Altair Nunes e Dalila Krachefski Nunes
Nascimento 20/12/1984 - Dom Feliciano/RS - Brasil

Endereço profissional Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós -Graduação em Letras
 Avenida Ipiranga, 6681
 Partenon - Porto Alegre
 90619-900, RS - Brasil
 Telefone: 51 33203500

URL da home page: www.pucrs.br

Endereço eletrônico

e-mail para contato : ericaknunes@yahoo.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

- 2011** Doutorado em Lingüística e Letras.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
 Título: .
 Orientador: Profª. Drª. Leci Borges Barbisan
 Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- 2009 - 2011** Mestrado em Programa de Pós Graduação em Letras.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
 Título: Uma abordagem semântico-argumentativa do locutor e do alocutário no discurso, Ano de obtenção: 2011
 Orientador: Profª. Drª. Leci Borges Barbisan
 Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Áreas do conhecimento : Texto e Discurso
- 2008 - 2009** Especialização em Língua Inglesa.
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
 Título: POLITENESS THEORY AND GENDER STUDIES IN THE MOVIE "WHAT WOMEN WANT"
 Orientador: Profa. Dra. Cristina Becker Lopes Perna
- 2003 - 2006** Graduação em Letras.
 Universidade Católica de Pelotas, UCPEL, Pelotas, Brasil

Formação complementar

- 2010 - 2010** Extensão universitária em Fundamentos da Análise de Discurso.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- 2009 - 2009** Extensão universitária em Fundamentos em Fonologia.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
-

Atuação profissional

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Vínculo institucional

2009 - Atual Vínculo: Livre , Enquadramento funcional: Aluna , Carga horária: 40, Regime: Dedicção Exclusiva

Atividades

03/2009 - Atual Projetos de pesquisa, Programa de Pós -Graduação em Letras
Participação em projetos:
A construção do sentido expreso pelo lingüístico no discurso

2. Wizard Idiomas Porto Alegre -

Vínculo institucional

2007 - 2009 Vínculo: Professora , Enquadramento funcional: Instrutora de idiomas , Carga horária: 30, Regime: Parcial

3. Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre José Herbst - PE. JOSÉ HERBST

Vínculo institucional

2006 - 2006 Vínculo: Livre , Enquadramento funcional: Estagiária , Carga horária: 6, Regime: Parcial

4. Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

Vínculo institucional

2006 - 2006 Vínculo: Institucional , Enquadramento funcional: Bolsista , Carga horária: 20, Regime: Parcial
2005 - 2005 Vínculo: Institucional , Enquadramento funcional: Bolsista , Carga horária: 20, Regime: Parcial

2004 - 2004 Vínculo: Institucional , Enquadramento funcional: Bolsista , Carga horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

2006 - 2008 Projetos de pesquisa, Centro de Ciências Humanas e da Educação

Participação em projetos:

Corpos e Comportamentos: Gênero em Livros Paradidáticos para a Educação Infantil

2005 - 2006 Projetos de pesquisa, Centro de Ciências Humanas e da Educação

Participação em projetos:

Corpos Discursivos: A Construção de Gênero na Mídia para Crianças

5. Wizard Idiomas - WIZARD

Vínculo institucional

2004 - 2006 Vínculo: Estágio , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 20, Regime: Parcial

6. Sindicato dos Municípios de São Lourenço do Sul - SIMUSSUL

Vínculo institucional

2004 - 2006 Vínculo: Livre , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 5, Regime: Parcial

Projetos

2009 – 2011 A construção do sentido expresso pelo lingüístico no discurso

Descrição: O tema deste projeto é a leitura, entendida à luz da Teoria da Argumentação na Língua. Como teoria semântico-lingüística, a proposta de Ducrot entende que a relação entre palavras e frases e a consideração de um sujeito falante, que se enuncia para seu interlocutor, são as principais responsáveis pela construção do sentido. Tem-se, então, como objetivo definir leitura de acordo com conceitos da Teoria da Argumentação na Língua e, com isso, espera-se compreender quais seriam as leituras possíveis e quais as não possíveis num texto. Como metodologia de trabalho, serão promovidos estudos e discussões em torno de livros e artigos que tratam da Teoria e, a partir desses estudos, espera-se chegar a uma conceituação de leitura e de seus possíveis limites de interpretação

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1); Mestrado acadêmico (3); Doutorado (5);

Integrantes: Érica Krachefski Nunes; Cristina Rorig; Alessandra Bez; Cristiane Dal'Cortivo; Claudio Delanoy; Joseline Tatiana Both; João Henrique Casara Borges; Carlos Eduardo Zarpe; Leci Borges Barbisan (Responsável)

Financiador(es):

2006 - 2008 Corpos e Comportamentos: Gênero em Livros Paradidáticos para a Educação Infantil

Descrição: Tendo em vista a importância da narrativa para o estabelecimento de práticas sociais e considerando o alto grau de desigualdade ainda presente nas relações de gênero, busca-se investigar como são representados os papéis sexuais e as relações entre mulheres e homens em livros paradidáticos para a Educação Infantil, produzidos e publicados

no Brasil em 2004 e 2005. Entendemos como paradidáticos os livros (geralmente literatura infantil) que são levados da escola para serem lidos em casa e que, respaldados pela autoridade institucional da escola e mediados pela voz familiar (geralmente das mães), são veículos que, ao estabelecerem um vínculo entre a escola e a casa, têm uma força interpelativa redobrada, não só para as crianças, mas para os próprios pais. O projeto tem como objetivos específicos:  Analisar o discurso veiculado através dos textos escritos, das ilustrações e de outros elementos gráficos de livros selecionados, buscando determinar os pressupostos ideológicos que informam as relações de gênero, dentro e fora da estrutura familiar, com atenção especial à representação dos corpos e comportamentos;  Avaliar o índice de discriminação de gênero, através de critérios a serem estabelecidos no decorrer da pesquisa;  Publicar os resultados em livro ou coletânea de artigos, para que possam circular no âmbito acadêmico de pesquisa e formação profissional;  Produzir um dossiê que possa fornecer feedback às editoras.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (5); Doutorado (1);

Integrantes: Érica Krachefski Nunes; Aracy Ernst Pereira; Carmen Rosa Caldas-Coulthard; Alessandra Neitzel Saenger; Virginia Kopereck; Nara Widholzer; Gabriela Gehrke; Igor Alves; Rosa Maria Hessel da Silveira; Susana Borneo Funck (Responsável)

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq

2005 - 2006 Corpos Discursivos: A Construção de Gênero na Mídia para Crianças

Descrição: Partindo do pressuposto de que as representações de gênero são a sua própria construção, busca-se verificar de que forma o masculino e o feminino são representados/construídos na mídia destinada ao público infantil no Brasil. Para tal, buscamos identificar, a partir de textos selecionados (desenhos animados, revistas em quadrinhos e programas interativos de TV, elementos textuais e iconográficos relevantes para a caracterização dos corpos como femininos ou masculinos. Esperamos, com os resultados de nossas análises, contribuir para uma postura crítica frente aos discursos que produzem as práticas gendradas assimétricas que nos interpelam e para um questionamento dos modelos existentes de relações de gênero.

Situação: Concluído Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (5); Mestrado acadêmico (2);

Integrantes: Érica Krachefski Nunes; Aracy Ernst Pereira; Carmen Rosa Caldas-Coulthard; Alessandra Neitzel Saenger; Virginia Kopereck; Nara Widholzer; Susana Borneo Funck (Responsável); Gustavo Bueno Franz; Margarete Trigueiro de Lima Albuquerque; Elaine Nogueira da Silva

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq

Idiomas

Inglês	Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem
Espanhol	Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem
Francês	Compreende Pouco , Fala Pouco, Escreve Pouco, Lê Pouco
Português	Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem

Prêmios e títulos

2006 Jovem Pesquisador, Universidade Católica de Pelotas

Produção em C, T& A

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. KLEIN, A. I., NUNES, É. K.

Metáforas Primárias na aprendizagem de língua alemão como língua estrangeira: um estudo de caso.. *Letrônica.* , v.3, p.02 - , 2010.

Palavras-chave: Metáforas Primárias, Alemão, língua estrangeira

Áreas do conhecimento : Lingüística Aplicada

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: [http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/index]

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. NUNES, É. K.

Exposição de alguns pressupostos teóricos sobre a autonomia da aprendizagem In: Fórum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras, 2004, Pelotas.

Fórum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras. Pelotas: , 2004.

Palavras-chave: Autonomia, ensino/aprendizagem

Áreas do conhecimento : Lingüística Aplicada

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio magnético

2. NUNES, É. K.

Exposição sobre alguns pressupostos teóricos sobre a autonomia da aprendizagem In: Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, 2004, Florianópolis.

Anais do 6º Encontro do CELSUL. , 2004.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. NUNES, É. K.

A Argumentação na campanha publicitária Crack, Nem Pensar In: IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação da PUCRS, 2009, Porto Alegre.

Anais da IV Mostra de Pesquisa da Pós-graduação da PUCRS. , 2009.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

2. NUNES, É. K.

O comportamento escolar em livros infantis In: 15º Congresso de Iniciação Científica, 2006, Pelotas.

15º Congresso de Iniciação Científica. , 2006.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

3. NUNES, É. K.

Chiquinha: uma personagem diferente na mídia Infantil(?) In: Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, 2005, Pelotas.

Caderno de resumos. , 2005.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

4. NUNES, É. K.

XIV Congresso de Iniciação Científica In: XIV Congresso de Iniciação Científica, 2005, Pelotas.

XIV Congresso de Iniciação Científica. , 2005.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

5. NUNES, É. K.

Exposição de alguns pressupostos teóricos sobre a aprendizagem autônoma In: XIII Congresso de Iniciação Científica, 2004, Pelotas.

XIII Congresso de Iniciação Científica. , 2004.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

6. NUNES, É. K.

Exposição de alguns pressupostos teóricos sobre a autonomia da aprendizagem In: *Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*, 2004, Florianópolis.

Caderno de Resumos., 2004.

Referências adicionais : Brasil/Português. *Meio de divulgação*: Impresso

Apresentação de Trabalho

1. NUNES, É. K.

A argumentação na campanha publicitária Crack, nem pensar, 2009. (Outra, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Argumentação, polifonia, publicidade

Áreas do conhecimento : Texto e Discurso

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português. *Meio de divulgação*: Outro; *Local*: PUCRS; *Cidade*: Porto Alegre; *Evento*: IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação da PUCRS; *Inst.promotora/financiadora*: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

2. NUNES, É. K.

O COMPORTAMENTO ESCOLAR EM LIVROS INFANTIS, 2006. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: GÊNERO, LINGUAGEM, ESCOLA

Áreas do conhecimento : Texto e Discurso

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português; *Local*: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS; *Cidade*: PELOTAS; *Evento*: XV CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA; *Inst.promotora/financiadora*: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

3. NUNES, É. K.

CHIQUINHA: UMA PERSONAGEM DIFERENTE NA MÍDIA INFANTIL(?), 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: GÊNERO, CORPORALIDADE, FEMINISMO

Áreas do conhecimento : Texto e Discurso

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português; *Local*: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS; *Cidade*: PELOTAS; *Evento*: IV SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE LINGUAGEM E ENSINO; *Inst.promotora/financiadora*: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

4. NUNES, É. K.

O COMPORTAMENTO ESCOLAR EM LIVROS INFANTIS, 2005. (Outra, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: GÊNERO, LINGUAGEM, ESCOLA

Áreas do conhecimento : Texto e Discurso

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português; *Local*: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS; *Cidade*: PELOTAS; *Evento*: VII ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL; *Inst.promotora/financiadora*: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS E UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

5. NUNES, É. K.

RELAÇÕES PAIS/FILHOS EM CHAVES, 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Família, mídia infantil, gênero

Áreas do conhecimento : Texto e Discurso

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português; *Local*: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS; *Cidade*: PELOTAS; *Evento*: XIV CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA; *Inst.promotora/financiadora*: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

6. NUNES, É. K.

Exposição de alguns pressupostos teóricos sobre a autonomia da aprendizagem, 2004. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Autonomia, ensino/aprendizagem

Áreas do conhecimento : Lingüística Aplicada

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português; *Local*: Universidade Federal de Santa Catarina; *Cidade*: Florianópolis; *Evento*: VI Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul - CELSUL; *Inst.promotora/financiadora*: Universidade Federal de Santa Catarina

7. NUNES, É. K.

Exposição de alguns pressupostos teóricos sobre a autonomia da aprendizagem, 2004.
(Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Autonomia, ensino/aprendizagem

Áreas do conhecimento : Lingüística Aplicada

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Universidade Católica de Pelotas; Cidade: Pelotas; Evento: Forum Inernacional de Ensino de Línguas Estrangeiras; Inst.promotora/financiadora: Universidade Católica de Pelotas e Universidade Federal de Pelotas

8. NUNES, É. K.

Exposição de alguns pressupostos teóricos sobre a autonomia da aprendizagem, 2004.
(Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Autonomia, ensino/aprendizagem

Áreas do conhecimento : Lingüística Aplicada

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Universidade Católica de Pelotas; Cidade: Pelotas; Evento: XIII Congresso de Iniciação Científica; Inst.promotora/financiadora: Universidade Católica de Pelotas

Produção Técnica

Demais produções técnicas

1. NUNES, É. K.

Relatório Final de bolsa de Iniciação Científica, 2006. (Relatório de pesquisa)

Palavras-chave: GÊNERO, LINGUAGEM, ESCOLA

Áreas do conhecimento : Texto e Discurso

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português.

2. NUNES, É. K.

Relatótio Final de Iniciação Científica, 2005. (Relatório de pesquisa)

Palavras-chave: GÊNERO, CORPORALIDADE, FEMINISMO

Áreas do conhecimento : Texto e Discurso

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português.

3. NUNES, É. K.

Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica, 2004. (Relatório de pesquisa)

Palavras-chave: Autonomia, ensino/aprendizagem

Áreas do conhecimento : Lingüística Aplicada

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português.

Eventos

Participação em eventos

1. **VI Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino - VI SENALE, 2010.** (Seminário)

2. **Os aspectos da Enunciação em Émile Benveniste - Ciclo de Palestras O Discurso em Perspectiva, 2010.** (Outra)

3. **III Colóquio de Lingüística e Literatura, 2010.** (Outra)

4. **Aula Inaugural - Curso de Letras: a busca do mistério e da epifania da linguagem, 2010.** (Outra)

5. **O Discurso do Outro - Ciclo de paletas O Discurso em Perspectiva, 2010.** (Outra)

6. **SITED - Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso, 2010.** (Seminário)

7. **Apresentação de Poster / Paineis no(a) IV MOSTRA DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS, 2009.** (Outra)

A Argumentação na Campanha Publicitária Crack, nem pensar.

8. **II Seminário Integrado Nacional das Linguagens**, 2009. (Seminário)
9. **III Seminário Internacional de Linguística da Universidade Cruzeiro do Sul**, 2009. (Seminário)
10. **II Colóquio de Linguística e Literatura**, 2009. (Outra)
11. Apresentação Oral no(a) **XV Congresso de Iniciação Científica**, 2006. (Congresso)
O comportamento Escolar em Livros Infantis.
12. Apresentação de Poster / Painel no(a) **VII Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul**, 2006. (Encontro)
O comportamento escolar em livros infantis.
13. **IV Fórum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras**, 2006. (Outra)
14. Apresentação Oral no(a) **IV Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino**, 2005. (Seminário)
Chiquinha: uma personagem diferente na mídia infantil(?).
15. Apresentação Oral no(a) **XIV Congresso de Iniciação Científica**, 2005. (Congresso)
Relação pais/filhos em Chaves.
16. **Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino**, 2005. (Seminário)
17. Apresentação Oral no(a) **VI Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul**, 2004. (Encontro)
Exposição de alguns pressupostos teóricos sobre a autonomia da aprendizagem.
18. Apresentação Oral no(a) **XIII Congresso de Iniciação Científica**, 2004. (Congresso)
Exposição de alguns pressupostos teóricos sobre a autonomia da aprendizagem.
19. Apresentação Oral no(a) **III Forum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras**, 2004. (Outra)
Exposição de alguns pressupostos teóricos sobre a autonomia da aprendizagem.
20. **Semana Acadêmica do Curso de Letras**, 2003. (Simpósio)

Organização de evento

1. BARBISAN, L. B., NUNES, É. K., BEZ, A. S., Rorig, C., DELANOY, C. P., Both, J.T., DALCORTIVO, C., ZARPE, C. E., FANTI, M. G. C., HINZ, J. R., RIBEIRO, K., JORGE, N., REGINATTO, A. A., BORGES, J. H. C.

SITIED - Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso, 2010. (Outro, Organização de evento)

Áreas do conhecimento : Texto e Discurso

Setores de atividade : Educação

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários

Totais de produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódico.....	1
Trabalhos publicados em anais de eventos.....	8
Apresentações de Trabalhos (Comunicação).....	6

Apresentações de Trabalhos (Outra).....	2
Produção Técnica	
Relatório de pesquisa.....	3
Eventos	
Participações em eventos (congresso).....	3
Participações em eventos (seminário).....	6
Participações em eventos (simpósio).....	1
Participações em eventos (encontro).....	2
Participações em eventos (outra).....	8
Organização de evento (outro).....	1

Outras informações relevantes

- 1 Aprovada em 1º lugar na seleção de Mestrado 2009/01 do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 2 Integrante da equipe de apoio do IV SENALE - Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, em 2005.